Planejamento Estratégico

Rede Jubileu Sul Brasil

2022-2025

Sumário

Apresentação 1

1. Referências Estratégicas – Missão, Visão e Valores/Princípios 3

2. Objetivos e Resultados Esperados 4

3. Eixos de ação 5

3.1. Quadro de equivalências de eixos de ação e resultados esperados 5

4. Ações prioritárias 7

5. Parceiras e aliadas 13

6. Tecnologias e ferramentas utilizadas 14

Anexos 16

Síntese avaliativa (2016-2020) 16

Síntese avaliativa (2016-2020) - Apresentação 26

Análise de conjuntura (2021) 34

Análise de conjuntura (2022) 48

Bases para construção do Planejamento Estratégico 52

Plano de Ação Plurianual (2022 – 2025) 58

Mapa de recursos – mobilização e gestão 65

Atuais integrantes do Instituto Rede Jubileu Sul Brasil 66

Composição atual das instâncias da Rede 68

Documentos institucionais 73

Planejamento Estratégico da Rede Jubileu Sul Brasil (2022-2025)

Apresentação

Este documento contém a sistematização do processo de estruturação do Planejamento Estratégico da Rede Jubileu Sul Brasil para os próximos 3 anos (jun/2022-jun/2025). Inicialmente estava previsto a definição de horizontes e linhas estratégicas, ações e prioridades para o período de 5 anos, porém considerando a manifestação de diversas integrantes da Rede e o contexto atual que o Brasil vem enfrentando, política e socialmente, o período de vigência do Planejamento foi reduzido para que seja revisto após a possível consolidação de um novo cenário com o fim da pandemia de Covid-19 e com as eleições nacionais em 2022.

Para chegarmos a esse documento foram realizadas algumas etapas – em ambiente virtual – para consulta, reflexão coletiva e levantamento de informações. A penúltima etapa, para confirmação de elementos e finalização do documento foi realizada de maneira presencial, em maio/2022, na cidade de São Paulo, com a presença de membros da Coordenação Nacional e equipe técnica da Secretaria Executiva e que atuam nos territórios onde a Rede JSB desenvolve projetos. O que indica que a vigência do Planejamento será definida para os 6 semestres seguintes.

Para a realização do Planejamento foram pensadas diferentes metodologias para cada etapa, algumas tiveram mais adesão que outras, porém podemos considerar que foi oportunizada a manifestação para o conjunto da Rede e como a maioria dos arquivos ficaram abertos para visualização de seu processo de construção, compreende-se que há concordância com seu teor. De qualquer maneira, tudo estará sistematizado no texto que se segue e estará passível de comentários e sugestões até a última etapa, de validação do documento, conforme cronograma e método definido pela Secretaria Executiva da Rede.

Na primeira etapa do Planejamento foi realizada uma **avaliação da implementação do Planejamento Estratégico vigente (2016-2020)**, por meio de um questionário enviado a todas as organizações. Esse questionário se caracterizou como a fonte inicial de informações que subsidiaram as etapas seguintes. Ainda nesse primeiro momento, foram realizadas entrevistas com integrantes da Coordenação Nacional. Após a sistematização e validação das informações coletadas, se consolidou uma síntese da avaliação interna[1].

[1] Foi considerada para essa sistematização o resultado da oficina de avaliação realizada com a Coletiva de Mulheres da Rede JSB em novembro de 2020.

Na segunda etapa, realizamos uma **análise da conjuntura no Brasil e na América Latina** e uma projeção de tendências para os cenários futuros, a partir de debate com o conjunto da Rede, parceiras e especialistas. Essa análise de conjuntura foi realizada em dois momentos. No primeiro, em 25 de março de 2021, contamos com a presença de Cristiane Faustino (Cris Faustino) como provocadora e no segundo momento, em 22 de abril de 2021, o debate se deu a partir do diálogo com Helder Gomes. Com a realização da etapa presencial, em maior de 2022, um terceiro momento de análise de conjuntura foi possível, ele constará desse material em seus anexos, juntamente com os demais documentos que orientarão esse processo.

A terceira etapa do processo de PMA foi realizada por meio de ferramentas digitais de construção de mapas mentais, murais e formulários, onde foram definidos os **horizontes da Rede JSB**, com abordagem sobre os temas e prioridades da Rede, os objetivos e resultados, as parcerias e alianças, tecnologias e ferramentas disponíveis, entre outros pontos. Faz parte desse documento também a confirmação das **diretrizes e referências da Rede**, indicando eixos e linhas de atuação, missão, visão e valores que serão foco para o próximo período.

Por fim, sobre a definição de ações para o próximo período, foi utilizado o Plano de Ação elaborado pela Coletiva de Mulheres da Rede JSB, do GT Dívida, o Plano de Ação 2021-2022 aprovado pela Coordenação Nacional e indicado ações consideradas como permanentes no último Planejamento. A **Assembleia/Reunião da Coordenação Nacional** que realizada em maio/2022 confirmou as ações prioritárias e oportunizou que as organizações presentes também indicassem quais de suas atividades previstas para o período dialogam com o trabalho da Rede e poderão integrar esse plano. Nesse momento também foi possível indicar a importância de outros documentos da Rede, como manual de procedimentos administrativos e regimento interno, e indicar a necessidade de se finalizar e aprovar muito em breve o Código de Conduta da Rede JSB para trabalho com crianças e adolescentes. Também foi realizada pela Secretaria Executiva uma apresentação da análise do mapa de recursos (mobilização e gestão).

O processo foi coordenado pela Secretaria Executiva da Rede JSB e pelo Grupo Gestor Executivo. Contamos com o apoio da equipe da Secretaria e da Consultoria em Gestão Estratégica, representada pela consultora Mariana Barreiros.

1. Referências Estratégicas – Missão, Visão e Valores/Princípios

A Rede Jubileu Sul Brasil é um espaço plural, composta por um conjunto de organizações, movimentos e coletivos que trabalham temáticas e metodologias em comum e, portanto, dão sentido à sua dinâmica e ação pautada na horizontalidade e circularidade considerando a diversidade das entidades que a compõe.

Sua **missão** está definida como:

> **Despertar a consciência, a indignação e mobilizar a sociedade sobre a relação entre sistema econômico e o sistema da dívida, exploração do meio ambiente e das mulheres e empobrecimento da população, para a defesa e promoção dos direitos dos povos e da natureza, da solidariedade internacional e pela autodeterminação dos povos com justiça social.**

A **visão** de uma organização está vinculada a orientação da ação, que a visão apoia a concretização da missão. E para este elemento a definição que estará vigente no próximo período é a que segue:

> **Atuar de forma estratégica e em rede para consolidação e defesa dos Direitos Econômicos e Sociais, sendo referência ético-política no debate da dívida pública, na defesa da democracia e dos direitos humanos, bem como na crítica ao capitalismo e na construção da justiça socioeconômica e um Estado radicalmente democrático.**

Embora a ação da Rede seja bastante abrangente, sobretudo pela sua característica principal de diversidade de atuação de suas organizações membro, chegou-se a uma lista de valores que em seu bojo sintetizam a forma como a Rede se move. Essa atuação está apoiada pelos seguintes **princípios e valores**:

- **Solidariedade;**
- **Justiça social;**
- **Equidade;**
- **Feminismos, com ênfase no feminismo comunitário;**
- **Ética;**
- **Educação e Comunicação popular e feminista;**
- **Soberania dos povos e territórios;**
- **Fortalecimento de coletivos.**

2. Objetivos e Resultados Esperados

Como **objetivos** definidos neste Planejamento Estratégico, temos:

1. **Tornar o tema da Dívida Pública e das Dívidas Sociais mais populares;**
2. **Ampliar a rede de reflexões e ações em torno da problemática do uso dos recursos públicos;**
3. **Fortalecer os protagonismos e a participação das mulheres, por meio de processos de formação integral e estratégias de proteção e valorização da vida das mulheres nos territórios;**
4. **Fortalecer e mobilizar grupos, pessoas, organizações para atuarem nas lutas locais, sobre a relação da dívida, meio ambiente, empobrecimento da população para a defesa e promoção por direitos básicos de saúde, alimentação, moradia, trabalho, renda e participação popular, denunciar as injustiças e desigualdades e exclusão miséria e exclusão, fome e os males causados por este sistema neoliberal, solidariedade aos povos e internacional, passando pelo recorte racial e de gênero;**
5. **Manter ações de incidência locais, nacionais e internacional em rede e fortalecer espaços de articulação.**

Já como **resultados** para o período, espera-se:

1. **Redes e organizações envolvidas nas ações da Rede fortalecidas e conquistando maior mobilização social;**
2. **Lutas fortalecidas nos territórios onde a Rede Jubileu Sul erradia seus princípios e valores em defesa vida digna;**
3. **Emenda constitucional "Teto de gastos" suprimida;**
4. **Dívida Pública suspensa/auditada, considerando processos de articulação internacional pelo seu cancelamento;**
5. **Espaços democráticos, de construção de alternativas, espaços de diálogo e troca de experiências fortalecidos através dos saberes locais e da educação popular;**
6. **Iniciativas de transformação das realidades desiguais implementadas por meio da ação da Rede JSB;**
7. **Consolidada articulação com outros países AL e Caribe;**
8. **Empoderamento de mulheres e comunidades, com recorte de gênero e raça, contribui para incidência política, para autonomia econômica e para acabar com o racismo.**

É importante ressaltar que outros objetivos e resultados foram elencados e poderão ser verificados no documento da sistematização do processo de construção do Planejamento

Estratégico, porém esses demonstraram ser os objetivos mais alinhados com os eixos de trabalho e com a visão e missão definidas, bem como os resultados apresentados indicam maior contribuição com os objetivos propostos, considerando o alcance que se terá nesses aspectos no período definido pelo Planejamento.

3. Eixos de ação

Durante o processo de planejamento as participantes listaram eixos e os descreveram de formas diversas. Durante a etapa presencial a sistematização dessas proposições foi colocada em pauta e os eixos de trabalho da Rede para o próximo período puderam ser referendados.

Os **eixos** definidos no Planejamento Estratégico são:

1. **Dívidas (Socioecológica, Cultural, Histórica e Financeira), desigualdades e soberania;**
2. **Mulheres, Direitos e Territórios;**
3. **Comunicação Popular;**
4. **Articulação e Mobilização Social;**
5. **Fortalecimento da Rede.**

Para o trabalho dentro desses eixos, serão prioridades os temas definidos pelas participantes que podem ser consultados no anexo contendo o processo de construção do PE 2022-2025.

3.1. Quadro de equivalências de eixos de ação e resultados esperados

Eixo de ação	Resultados
1. Dívidas (Socioecológica, Cultural, Histórica e Financeira), desigualdades e soberania.	R3. Emenda constitucional "Teto de gastos" suprimida. R4. Dívida Pública suspensa/auditada, considerando processos de articulação internacional pelo seu cancelamento.
2. Mulheres, Direitos e Territórios.	R6. Iniciativas de transformação das realidades desiguais implementadas por meio da ação da Rede JSB. R8. Empoderamento de mulheres e comunidades, com recorte de gênero e raça, contribui para incidência política, para autonomia econômica e para acabar com o racismo.

Eixo de ação	Resultados
3. Comunicação Popular.	R2. Lutas fortalecidas nos territórios onde a Rede Jubileu Sul erradia seus princípios e valores em defesa vida digna.
4. Articulação e Mobilização Social.	R5. Espaços democráticos, de construção de alternativas, espaços de diálogo e troca de experiências fortalecidos através dos saberes locais e da educação popular. R7. Consolidada articulação com outros países AL e Caribe.
5. Fortalecimento da Rede.	R1. Redes e organizações envolvidas nas ações da Rede fortalecidas e conquistando maior mobilização social.

4. Ações prioritárias

As atividades propostas para o Plano de Ação da Rede Jubileu Sul partem dos diversos Planos que foram definidos pelas instâncias que a compõem. Contudo, durante a etapa de confirmação dos Eixos, se determinou uma estratégia de ação que indica prioridades e atividades para seu alcance.

Eixo	Estratégias	Prioridades	O que precisamos? (atividades)
1. Dívidas (Socioecológica, Cultural, Histórica e Financeira), desigualdades e soberania.	- Continuidade na formação sobre Dívida Pública e Social em linguagem popular e acessível. - Organização da comunicação e fomento à cultura popular nos territórios, em uma linguagem popular acessível para o entendimento sobre Dívida. - Debate e pauta com candidatas/os sobre o tema das dívidas, enfatizando-se que a Dívida Pública não está solucionada (atenção à violência de gênero na política). - Proposição de pauta sobre o debate da Dívida a partir do combo: Autonomia do Banco Central, Teto de Gasto e Reformas.	- Aprofundar o tema da Dívida e ampliar o público, incluindo também crianças, adolescentes e juventudes.	- Implementar a metodologia de Cartografia como ação do GT Dívida. - Popularizar os artigos 5º, 6º e 14 da Constituição. - Aglutinar forças, novas organizações e pessoas para o GT Dívida, fora do eixo Rio-SP. - Construir um documento básico de 10 pontos para diálogo com as campanhas eleitorais sobre a política econômica centrada nas Dívidas (destaque para dívida pública e revogação da EC95). - Utilizar as cartilhas sobre a Dívida para a discussão nas comunidades sobre as eleições. - Incluir crianças, adolescentes e juventudes no debate da Dívida. - Atualizar o cartaz-mural sobre endividamento. - Realizar Congresso ou Conferência sobre Sistema da Dívida. - Realizar processo de construção da Conferência de Soberania Financeira (set/2022).

Eixo	Estratégias	Prioridades	O que precisamos? (atividades)
			- Propor audiência pública para o tema da Dívida. - Trabalhar os vídeos e publicações da Rede sobre o tema da Dívida com ampliação da divulgação.
2. Mulheres, Direitos e Territórios	- Fortalecimento da Coletiva de Mulheres da Rede JSB e em rede com outras Organizações da Sociedade Civil. - Ampliação do Eixo Dívida e Direitos Sociais na qualificação da ação com mulheres, com focos específicos: mulheres e Dívida; mulheres e Território; mulheres na luta por direitos. - Fortalecimento de comitês estaduais com a presença das entidades membro do local. - Viabilidade de uma rede de apoio nos estados para realização das ações, incluindo o poder público local.	- Fortalecer ou constituir projetos de geração de renda para as mulheres na perspectiva da economia solidária. - Exercitar a dinâmica do autocuidado com as mulheres e lideranças da Rede, com extensão para outras lideranças. - Refletir dentro do conjunto da Rede sobre os conceitos de Feminismo Comunitário e Feminismo Negro. - Fortalecer o debate sobre a perspectiva antirracista, antipatriarcal e anticapitalista. - Contribuir para aumentar a presença das mulheres nos espaços de poder e decisão.	- Aprofundar e dar visibilidade a questão da violência patrimonial contra as mulheres. - Mapear os coletivos populares de mulheres que já existem, fortalecê-los e onde não existir, constituí-los. - Fortalecer o debate sobre feminismo comunitário e negro. - Fomentar iniciativas nas comunidades tendo as mulheres como protagonistas. - Realizar o evento *Mulheres notáveis* – experiência de troca de saberes. - Escutar e estar sensível para as subjetividades dos territórios. - Inserir o debate das eleições nas atividades com mulheres, discutindo *o Brasil que queremos* a partir desse olhar. - Definir como será trabalhado a questão do cuidado com as meninas.
3. Comunicação Popular	- Orientação da comunicação nos territórios a partir de pessoas que sejam engajadas desde um olhar para a comunicação popular.	- Fomentar a participação efetiva das pessoas que tem acessado às redes sociais da Rede JSB.	- Formar ou fortalecer coletivos de comunicação popular (rádio comunitária, podcast, audiovisual, jornal de bairro, redes sociais). - Realizar encontros periódicos dos/as comunicadores/as das entidades membro e das articulações diversas para

Eixo	Estratégias	Prioridades	O que precisamos? (atividades)
	- Efetivação do GT Comunicação.	- Utilizar a arte como linguagem para mobilização e ampliação do alcance da Rede. - Trabalhar ações a partir da perspectiva da Comunicação e da Cultura Popular.	articulação comum e fortalecimento do eixo e, consequentemente, da comunicação da Rede e de suas integrantes. - Fazer novas ações para as atividades formativas da Rede que estão disponíveis *online*. - Garantir continuidade do programa *Economia Fora do Eixo*. - Fortalecer atividades com o tema Religião e Política. - Estabelecer articulação com coletivos artivistas locais para organizar batalhas, *slams* e saraus.
4. Articulação e Mobilização Social	- Atuação para pautar o instrumento do Plebiscito como processo pedagógico e popular prioritário para a Rede, sobretudo em momento críticos de pressão política (ex. Marco Temporal). - Fortalecimento e garantia de continuidade às articulações com o Grito dos Excluídos, 6ª SSB, Carta de Belém, Acordo Brasil e Mercosul...	- Focar nas questões mais rurais e nas problemáticas urbanas que atingem as populações mais vulnerabilizadas.	- Criar uma cultura plebiscitária resgatando o artigo 14 da Constituição. - Realizar o "Plebiscito do Revogaço" ou outros temas como: questão urbana e unidade popular.
5. Fortalecimento da Rede	- Criação de intersecções e intercâmbios entre as organizações da Rede: otimizar as tecnologias sociais e discussões políticas fortes e concretas em cada organização, possibilitando trocas mais programáticas e estratégicas.	- Garantir a discussão de organicidade *versus* institucionalidade, fazendo um balanço dos últimos 3 anos de grandes projetos executados.	- Trabalhar ações de autonomia e sustentabilidade das comunidades acompanhadas pela Rede. - Garantir momentos de encontro em âmbito nacional para partilha das ações locais e troca de experiência na rede, possibilitando mais presença dos sujeitos da ação. - Viabilizar recursos financeiros para oportunizar os projetos.

Eixo	Estratégias	Prioridades	O que precisamos? (atividades)
	- Fortalecimento dos espaços de troca de experiência da Rede. - Aproveitamento de projetos, a exemplo do Sinergia Popular, como uma grande possibilidade de criar saberes e capilarização nos territórios. - Estabelecimento de uma relação com as juventudes para fazerem parte da Rede. - A Rede precisa sempre estar aberta para participação em outros locais de construção e pensar o agir de maneira decolonial.	- Fortalecer o Cone Sul (articulação com os povos Ava Guarani e soberania energética). - Fortalecer o trabalho com as mulheres, negros/as e juventudes. - Mais diversidade na composição da Rede (LGBTQIA+).	- Regionalizar espaços de trocas, intercâmbios, conferências e encontros para que ocorram em uma periodicidade maior de formação e troca de experiências. - Criar um espaço virtual para troca direta entre as ações das organizações membro (ecossistema). - Mapear jovens nas organizações membro para atuação junto à Rede. - Delimitar melhor o planejamento estratégico a partir dos quatro eixos de atuação do JS/A; - Justificar junto aos financiadores o apoio para transporte individual para as atividades nos territórios uma vez que a pandemia causou um aprofundamento das más condições da mobilidade urbana. - Definir dinâmica para apresentação do trabalho das organizações e aprofundamento dos pontos de conexão com a ação da Rede nas reuniões periódicas de coordenação. - Realizar debate e ações que aprofundem a reflexão sobre o papel da branquitude para a manutenção do racismo.

Atividades elencadas na partilha das entidades

Tipo de ação	Atividade
Formação	Curso autogestão e Bem viver nos territórios – Instituto Pacs
	Curso de Promotoras Legais Populares – Centro Dandara
	Rodas de escuta em comunidades/grupos afetados pela implementação de fazendas e parques solares e eólicos – Frente por uma nova política energética
	Formação continuada de multiplicadoras/es FMCJS – Fórum Mudanças Climáticas e Justiça Socioambiental
	Curso Realidade Brasileira – Pastoral Operária
	Ações de formação diversas – Serviço Pastoral do Migrante, Instituto Pacs, Grito dos/as Excluídos/as, Pastoral Operária, Cáritas Brasileira, 6ª Semana Social Brasileira, Serviço Franciscano de Solidariedade e Esplar
	Intercâmbio de Experiências – 6ª Semana Social Brasileira
Articulação	Plataforma PPAD – Plano Popular Alternativo ao Desenvolvimento – Instituto Pacs
	Articulação para o tema da Energia: privatização da Eletrobras – Frente por uma nova política energética
	Plataforma *Revista Casa Comum* – Serviço Franciscano de Solidariedade
Mobilização / Incidência	Campanhas pela vacinação – Central dos Movimento Populares
	Semana Nacional do Migrante – Serviço Pastoral do Migrante
	Campanha para o preenchimento de fichas de notificação compulsória - Centro Dandara
	Grito dos/as Excluídos/as – Grito dos/as Excluídos/as e demais organizações membro
	Caravana Energia para a Vida (nordeste) – Frente por uma nova política energética
	Mutirões *O Brasil que temos* – 6ª Semana Social Brasileira
	Mutirões *O Brasil que queremos* – 6ª Semana Social Brasileira
	Campanha Emergência Solidariedade – Movimento dos Conselhos Populares
	Leis Municipais Diana Pitaguary – debates sobre violência contra a mulher nas escolas indígenas – Esplar
	Edital Ocupa Mana – Rede Feminista de Saúde e Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos (Minas Gerais)

Tipo de ação	Atividade
Publicações	Livro Transição Energética – Fórum Mudanças Climáticas e Justiça Socioambiental
	Publicação Vivências Comunitárias I – Movimento dos Conselhos Populares
	Publicações diversas – Instituto Pacs / Esplar
	Publicação dos 200 anos da dívida financeira
Eventos	Conferência Popular Direito a Cidade – Central dos Movimento Populares
	Rio+30 – Central dos Movimento Populares
	8º Fórum de Milão – Central dos Movimento Populares
	Seminário Transição Energética Justa e Popular – Frente por uma nova política energética
	Seminário Nacional FMCJS – Fórum Mudanças Climáticas e Justiça Socioambiental
	Live da Semana do Meio Ambiente acudindo a Mãe Terra – Fórum Mudanças Climáticas e Justiça Socioambiental
	Fórum Social Panamazônico - Fospa (28 a 31 de julho) – Fórum Mudanças Climáticas e Justiça Socioambiental
	Romaria das Águas – JSB Bahia + Cáritas NE3
	Feira de agricultura familiar – Cáritas Brasileira
	Processo de construção da Conferência de Soberania Financeira – Rede JSB
	Live Semana do Migrante – troca de saberes entre as mulheres – Serviço Pastoral do Migrante
Comunicação	Série de vídeos *Trocando em miúdos* – Centro Dandara
	Rádio feminista de Saúde – Rede Feminista de Saúde e Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos (Minas Gerais)
	Jornal *Delas* – Esplar e Rede JSB
	Jornal *A língua do povo* – JSB Bahia + Cáritas NE3 e Rede JSB
Atividades produtivas e espaços de integração	Implantação de hortas comunitárias - Central dos Movimento Populares / Instituto Pacs
	Cozinhas e padarias comunitárias - Central dos Movimento Populares
	Sistemas solar fotovoltaicos comunitários (2 – Rio e Vale do Ribeira) – Fórum Mudanças Climáticas e Justiça Socioambiental
	Sisteminhas – Movimento dos Conselhos Populares

5. Parceiras e aliadas

Também durante esse processo de construção do Planejamento Estratégico, algumas das diversas parcerias e alianças da Rede JSB foram identificadas pelas organizações membro. É sabido que há muitas outras que não se encontram relacionadas abaixo, porém a lista agora apresentada denota o alcance e diversidade de relacionamentos da Rede JSB.

Parceiras da Rede, por proximidade indicada:

1. Red Jubileo Sur/Américas
2. Fórum das Pastorais Sociais / 6ª Semana Social Brasileira
3. Articulação pelos Direitos da Natureza - FMCJS
4. Inegra
5. Frente por uma nova política energética
6. Grito das/os Excluídas/os
7. Campanha de Solidariedade com o Haiti
8. Universidades (Unir, UECE e pesquisadores/as)
9. Campanha Permanente de Defesa de Defensoras/es
10. Articulação sobre energia no Cone Sul (Paraguai e Brasil)
11. Plataforma DHESCA
12. Plataforma MROSC
13. DKA
14. Cafod
15. CESE
16. Adveniat
17. ALBA Movimentos
18. Frente Fora Bolsonaro
19. Rebrip
20. Movimento de Mulheres GRAAL
21. Articulação dos Atingidos pela Vale/Mineração
22. Jornada Continental pela Democracia e contra o Neoliberalismo
23. Plataforma Campanha Regularização Já (política migratória)
24. Articulação Brasileira sobre Economia de Francisco e Clara
25. Cúpula dos Povos na Rio+30
26. Campanha para desmantelar o poder corporativo
27. União Europeia

28. MAB e MST/Via Campesina
29. Nossa Mandata
30. Fundación Tierra
31. Red Unitas
32. CEDLA/Bolívia

Aliadas da Rede, por ordem de proximidade:

1. Coalizão Direitos Valem Mais
2. Grupo Carta de Belém
3. Plataforma dos Movimentos Sociais por uma Reforma Política
4. Frente Brasileira contra o Acordo União Europeia-Mercosul e EFTA-Mercosul
5. Pastorais do Campo
6. Emancipa/RS
7. Convergência de Culturas - Coletiva de Mulheres Warmis
8. Auditoria Cidadã

6. Tecnologias e ferramentas utilizadas

Nesse item as participantes estavam convidadas a elencar as tecnologias e ferramentas utilizadas pela Rede. Embora fosse um item no qual poderiam ser indicadas tecnologias no sentido de uso das tecnologias disponíveis no meio digital, a questão estava aberta para que também fosse possível elencar tecnologias sociais, como o Sisteminha. O mesmo vale para as ferramentas, afinal não estamos falando apenas de equipamentos, mas de metodologias, pedagogias, formas de atuação.

Segue indicação de tecnologias e ferramentas que a Rede dispõe hoje:

- Presença física nos espaços.
- Oficinas, rodas de conversa, encontros, etc.
- Bons registros e investir na comunicação via redes e mídias sociais.
- Divulgação em som, rádios, televisão, etc.
- Diálogo presencial.
- Internet e aparelhos eletrônicos.
- Diferentes formatos de comunicação.
- Organização em rede.
- Campanhas locais-nacionais-continentais.
- Cartografias sociais.
- Intercâmbio de saberes coletivos e resistências territoriais.
- Militantes na base.
- Partidos e políticos.

- A igreja encarnada na realidade.
- Jornais e redes alternativas, plataformas.
- Mobilização *online* e *offline*, com articulações históricas e também com coletivos articulados territorialmente e internacionalmente.
- Redes sociais e plataformas de comunicação (*Facebook, Instagram, Flickr, Site* institucional, *Anchor, Twitter, Zoom, Whatsapp, Google Meet, StreamYard*, entre outras).
- Celular, computador, diversos aplicativos, site etc.
- Nosso conhecimento.
- Tecnologias sociais nos princípios da educação popular.
- Estratégias para seguir na luta na defesa dos direitos humanos.
- Atenção ao acesso ampliado às tecnologias, mesclando tecnologias e ferramentas novas e antigas para atingir um maior público, por exemplo envio de material digital por meio eletrônico e impresso via correio.

Anexos

Síntese avaliativa (2016-2020)

A Rede Jubileu Sul Brasil é um espaço plural, composta por um conjunto de organizações, movimentos e coletivos que trabalham temáticas e metodologias em comum e, portanto, dão sentido à sua dinâmica e ação pautada na horizontalidade e circularidade considerando a diversidade das entidades que a compõe. Entende-se que é pela participação nas reflexões, decisões e comprometimento que se estabelece de maneira prática esse pertencimento. O foco principal é a temática da dívida e seus desdobramentos, com vinculação intensa à garantia de direitos e soberania dos povos, em uma construção orgânica de agendas e pautas.

A relação das entidades integrantes com a Rede se expressa no cotidiano, em maior ou menor grau. Algumas dessas entidades fazem parte de suas instâncias de gestão e/ou operativas, de maneira que tem uma presença mais ativa nas decisões diárias da Rede, enquanto outras participam dos espaços mais ampliados, de decisão estratégica e política, e têm como tarefa apenas o acompanhamento sistemático às atividades da Rede e a repercussão das ações. Há organizações, inclusive, que fazem parte de mais de um espaço, como as que estão representadas no Grupo Gestor Executivo e são parte da Coletiva de Mulheres da Rede JSB e ou do Grupo de Trabalho sobre a Dívida ampliado. Todas as organizações são chamadas a compor os espaços diretivos e de gestão e a compartilhar os desdobramentos das ações e atividades da Rede nos espaços que atuam e nos territórios.

Os principais tipos de atividades que mobilizam o conjunto da Rede são reuniões, eventos, atividades formativas, atividades de mobilização e atividades de incidência. Uma dimensão importante é a elaboração de material teórico-crítico para a Rede, para as formações e para as campanhas, que são compartilhados com o conjunto das entidades membro, nas etapas de elaboração e de revisão, de maneira que todas as produções espelhem o pensamento e o fazer de cada organização que a compõe.

Outro fator fundamental para essa pertença ativa é sua representação em outros espaços e articulações nos quais as organizações integrantes se identifiquem enquanto Rede JSB, dando visibilidade ao trabalho realizado local, nacional e internacionalmente. As organizações integrantes consideram que é fundamental para o trabalho de cada uma a ampliação de escopo promovida pelos debates que o Jubileu aporta. Foi enfatizado que a Rede provoca as organizações a olhar para além da luta diária e cotidiana, e também a sistematizar e

partilhar experiências para dar mais amplitude e enriquecer a ação de cada uma de suas integrantes.

Compreende-se também que há uma organicidade definida desde os primórdios da Rede, com a propositura e realização de ações amplas, como os plebiscitos populares. Porém se considera que, apesar dessa trajetória, a pauta da luta contra a dívida não conseguiu se estabelecer de maneira mais intensa e transversal no interno de todas as organizações integrantes e a sobreposição de outras pautas, vinculadas ao endividamento, mas nem sempre explícitas. Algumas organizações seguem apenas na participação em atividades para as quais são convidadas e no repasse e difusão de encaminhamentos e materiais formativos e/ou de comunicação.

Ainda que seja apenas essa a ação de uma organização presente na Rede, avalia-se como sendo de caráter essencial, pois é dessa forma que os objetivos do trabalho realizado serão atingidos, com incidência e mobilização de toda a sociedade. E essa é uma atividade que todas as organizações realizam, com diferenças de frequência e peso, mas com bastante comprometimento.

Os materiais produzidos são repercutidos nas páginas e mídias sociais da Rede JSB e reproduzidas pelas ferramentas e mídias das organizações. Além de serem utilizados e promovidos nas atividades individuais das organizações, quando esta possui relação com a ação proposta ou quando se trata de uma campanha ampliada, como foi o caso do material elaborado contra o desmonte da previdência.

O cenário dificultador no qual a Rede realiza seu trabalho também é um fator que impacta na ação coletiva. Por vezes as organizações integrantes não conseguem realizar uma articulação com maior peso, pois o cotidiano interno e as demandas territoriais se sobrepõem ao trabalho ampliado. De todo modo, avalia-se como fundamental que o trabalho e as reflexões da Rede sejam internalizados pelas organizações e vice-versa, de modo que haja unicidade na estratégia e no entendimento político que balizam as ações propostas.

No último período a Rede JSB passou a atuar mais fortemente como fomentadora de atividades, considerando a proposição e aprovação de projetos a serem geridos desde sua Secretaria Executiva com apoio das entidades membros. A participação das organizações na execução dessas ações e o fortalecimento dessas através das ações são outras características da membresia.

Algumas organizações possuem uma relação mais íntima com a Rede, sendo por vezes difícil separar os âmbitos das ações da organização e das ações da Rede na qual a organização está inserida. Há relatos também de organizações que em suas reuniões internas (de equipe, planejamento e gestão) discutem as ações da Rede e definem diretrizes para sua atuação nessas

ações. Com a pandemia, o uso de outras tecnologias de informação e comunicação se tornou essencial e as organizações integrantes também utilizam esses espaços para repercutir as atividades da Rede e mobilizar seu público à participação, considera-se inclusive que a Rede conseguiu maior visibilidade nesse período por meio dessas tecnologias. Porém foi indicada a necessidade de ampliar os tipos de parceiros nesse campo, com uma relação mais estreita com meio de comunicação mais tradicionais, como rádio, televisão e jornal.

Há indicação de abertura para outras organizações que já são parcerias ou realizam trabalhos alinhados nos territórios onde a Rede tem presença, com necessidade de uma postura ativa da Rede para esse movimento. Bem como a ampliação da participação de pessoas nas atividades que são vinculadas ou beneficiárias das entidades membros, mas que não tem presença nesses espaços, principalmente nas formações e ações de mobilização.

Como destaques na trajetória da Rede para o último período (2016-2020) foram citados:

- Campanha sobre a Dívida – *A Vida Acima da Dívida*;
- Campanha Haiti e Campanha Haiti e Porto Rico;
- Campanha contra o Desmonte da Previdência;
- Debate sobre previdência social no Brasil, a PEC do Teto dos gastos e outros;
- Projeto *Nós, mulheres, na luta e na defesa por direitos* e seus desdobramentos nos territórios.
- Constituição e ações da Coletiva de Mulheres da Rede JSB;
- Revista *Dívida e o impacto na vida das mulheres*;
- Formação de mulheres rurais e urbanas sobre o tema da Dívida;
- Metodologia da Cartografia Social;
- Cartilha sobre metodologias para o trabalho com mulheres;
- Cirandas de formação e Oficinas de Comunicação;
- Realização/apoio ao Grito das/os Excluídas/os;
- Participação/Organização da 6ª Semana Social Brasileira;
- Participação/Realização de encontros e seminários de formação;
- Sistematização e difusão da Memória dos 20 anos do Jubileu;
- Publicações diversas;
- Articulação dos territórios em resistência aos megaprojetos, com intercâmbio das experiências de resistência;
- Acompanhamento da luta das famílias do morro do Regaço em São José dos Campos, vitimadas pelo BID – Banco Interamericano de Desenvolvimento;
- GT Dívida e GT Dívida ampliado;
- Trio de conversas sobre diversos temas;
- Debate e materiais produzidos em relação à economia verde, financeirização da natureza e capitalismo verde;
- Todo o trabalho formativo e informativo, adaptado ao período de pandemia, em relação ao Sistema da dívida, os mecanismos das Instituições Financeiras e os impactos nas políticas sociais;

- Participação no projeto *20 anos do projeto Promotoras Legais Populares*;
- Presença em outros fóruns, plataformas e redes;
- Semana de Ação Global, em conjunto com Red Jubileo Sur / Américas (JS/A);
- Aportes às organizações por meio dos projetos de ajuda a terceiros;
- Campanhas de solidariedade nacional e internacional;
- Fortalecimento da comunicação.

Também entre 2016 e 2020 a Rede JSB, na visão de suas organizações, acumulou algumas forças ou avanços, que podemos separar em categorias: Articulação e Incidência; Crítica e Conhecimento; Educação e Comunicação Popular; e Fortalecimento Institucional.

Em **Articulação e Incidência**, a Rede JSB manteve sua capacidade de dialogar com diferentes setores da sociedade civil e ampliou a ação conjunta como resposta aos contextos, incluindo focos para além das temáticas principais do Jubileu; estreitou seus trabalhos com expoentes da academia nacional e internacional para o debate sobre o tema da financeirização; esteve ativa, como é uma de suas características, na incidência em torno das políticas públicas e na realização de denúncias e ações de enfrentamento ao tema do endividamento e justiça socioambiental; reforçou sua ação no combate aos racismos, à misoginia e ao machismo, além de pautar o viés classista da pressão e violações sofridas pela população. É importante também ressaltar seu trabalho de articulação internacional, com a animação e fortalecimento da Red Jubileo Sur / Américas (JS/A) e o trabalho histórico realizado junto ao povo haitiano.

Em **Crítica e Conhecimento**, a Rede produziu sistematicamente materiais informativos, comunicacionais e formativos, por um viés feminista e a partir dos territórios, com um destaque para a persistência nas pautas trabalhadas (endividamento, justiça socioambiental, machismo/feminicídio, racismos e branquitude, trabalho e moradia, violações de direitos, entre outros); ao assumir a perspectiva feminista de sua ação como um eixo de trabalho, o Jubileu também trouxe à tona diversas questões internas e externas que estavam invisibilizadas sob o discurso da transversalidade; a efetivação da Coletiva de Mulheres da Rede JSB foi um espaço fundamental para canalizar e direcionar as ações da Rede nos territórios a partir dessa nova perspectiva e uma prioridade para ação com mulheres. Ainda nessa categoria, a manutenção do trabalho junto ao Grito das/os Excluídas/os, das Pastorais, dos Movimentos e Plataformas Sociais e da Semana Social Brasileira pode incidir de maneira extensa na crítica ao modelo de desenvolvimento vigente.

Já para a categoria **Educação e Comunicação Popular**, diretamente vinculada à categoria anterior, o trabalho em rede conseguiu atingir mais pessoas com os materiais produzidos pelo Jubileu que apresentam os temas e desafios trabalhados em linguagem acessível e com propostas metodológicas diversas. Durante a vigência do Planejamento

Estratégico anterior, ainda que com mais dificuldades em um tema do que em outro, o tripé dívida-militarização-livre comércio esteve em pauta. No período que antecedeu a pandemia, a participação nas oficinas e eventos da Rede foi notável. Contudo, as atividades realizadas pela Coletiva de Mulheres ao longo do ano de 2020 e com a ação Sinergia Popular com mulheres no debate sobre dívida social e moradia em 2021, são exemplos preciosos do alcance e efetividade do trabalho mesmo com um cenário tão adverso, assim como as formações realizadas em plataformas virtuais no âmbito do Jubileu Sul Américas.

Em **Fortalecimento Institucional**, a Rede JSB passou por mudanças em seu quadro compositivo, com o desligamento de algumas organizações e a entrada de novos membros; outra decisão importante foi o reconhecimento de pessoas, de maneira individualizada, como membros da Rede, valorizando a vinculação histórica de colaboradoras/es que estão desligadas/os de organizações integrantes e/ou que aportam significativamente nas ações da Rede desde seus trabalhos de pesquisa, produção crítica e/ou relação com o território; a chegada de novas entidades na Coordenação Nacional também propiciou uma dinamização e renovação das temáticas; a efetivação de instâncias de gestão e operacionalização, incluindo a contratação/ampliação de equipe, possibilitou uma qualificação da ação; a entrada de recursos com a aprovação de projetos ampliou o leque de ações, locais e públicos e garantiu a sobrevivência da Rede que há muito vinha com defasagem na mobilização de recursos.

Também se analisou a ação da Rede JSB a partir das limitações que possui para enfrentar os desafios, dentre os quais há um reforço para os itens de recursos e sustentabilidade econômica; fragilidades institucionais; comprometimento de seus membros; alcance das ações em rede; dificuldades em transpor conteúdos com linguagem e suporte acessível e em falar para um público externo; maior abstração dos temas prioritários; sobrecarga no trabalho da Secretaria Executiva em equacionar o trabalho que se quer fazer com as obrigatoriedades dos projetos em execução; participação reduzida nos espaços de diálogo e tomada de decisão da própria Rede; e a dificuldade de difusão de informações e materiais para além do público já engajado.

Se constituir como uma rede é considerado um desafio intenso. De maneira mais detalhada, há avaliações que indicam uma fragilidade na articulação internacional da Rede, principalmente para os países do Cone Sul, e na superação do discurso de extensão territorial que, embora de fato dificulte o trabalho, é mantido como um empecilho para ações de caráter nacional mais ampliadas. Outro importante fator é o intenso trabalho das próprias organizações que fazem com que não haja disponibilidade para as ações da rede sem comprometer o cotidiano e sobrecarregar as equipes, de modo que, em geral, as ações em rede não conseguem ser equacionadas dentro das organizações. A velocidade com que as demandas também são

impostas pelo contexto ou pelas exigências dos projetos é agravante dessa situação. Enfatiza-se que é preciso também ter atenção na mobilização de outros atores para as atividades da Rede e uma maior distribuição de responsabilidades entre as entidades.

Observa-se que o Jubileu faz parte de um conjunto de outras organizações, articulações e redes que estão buscando a construção de um projeto popular de sociedade, porém falta uma unidade nessa construção, há muita divergência de conceituação e propostas de caminhos que causam uma dispersão dessas instâncias. Esse contexto é intensificado com as dificuldades do período conturbado vivido política, econômica e socialmente no Brasil, no período equivalente ao Planejamento Estratégico analisado.

Como indicado antes, a Secretaria Executiva tem uma sobrecarga de trabalho. Nos últimos anos essa instância que deveria ser apenas um suporte jurídico e de aglutinação da Rede, passou a adquirir características e dinâmicas de uma organização como as demais que compõe o Jubileu, visto que a execução de projetos para garantir a subsistência da Rede recai principalmente sobre a Secretaria, no âmbito da gestão dessas ações. Seu caráter mais articulador passou a ficar em segundo plano, perdendo o espaço de presença junto às organizações que alimentavam o sentido e o sentimento de pertença. Aqui reside uma preocupação central em não se tornar uma entidade em si. Esta opção de mobilização de recursos através de projeto tem a ver com os novos rumos do financiamento internacional, especialmente aqueles que antes possibilitavam apoio institucional e que não realizam mais essa modalidade para apoiar projetos, ações especificas. Dessa forma, foi necessário que a Rede se adequasse as novas características dos financiamentos e acordos de cooperação para garantia da dinâmica e manutenção da Rede e, consequentemente, de sua Secretaria Executiva.

No contexto de ação em rede também há a dificuldade da complexidade das práticas de exploração e violação enfrentadas, sem que haja estruturas eficientes na sociedade que sejam intermediadoras das pautas macropolíticas e das lutas locais e setoriais.

Foi assinalado um destaque na dependência de projetos para a manutenção da ação nos quais se promove em certa medida um distanciamento da proposta da Rede e de como esta define estrategicamente seu posicionamento e atuação, para se adaptar às exigências das agências e editais. Mesmo que esses projetos estejam alinhados com os eixos da Rede, sempre há uma flexibilização para fazer caber dentro das chamadas de financiamento. Uma sugestão nesse caso seria buscar um trabalho mais focado na gestão de portfólio que na gestão por projetos, porém esse ainda não é um consenso da Rede.

O trabalho da Rede é caracterizado pelo diálogo com o contexto e no enfrentamento aos processos de exploração e violação. Percebe-se nesse período que a cooperação internacional tem mudado e suas pautas estão mais alinhadas com a do Jubileu, com foco em

meio ambiente, gênero, impactadas pelo sistema, racismo estrutural, entre outros. Esse alinhamento pode favorecer o trabalho da Rede e a manutenção dos acordos com essas instituições, além do estabelecimento de novas parcerias e acordos de cooperação.

Os métodos e estratégias de ação analisados indicam a participação das/os envolvidas/os nas etapas de decisão e avaliação como uma característica transversal a todos eles, em uma busca pela construção coletiva, feminista, antirracista e que esteja sempre próxima da população mais empobrecida e vulnerabilizada.

Os métodos podem ser descritos como análise crítica da realidade e das políticas macroeconômicas visando os impactos sociais e ambientais em diversos níveis e formas. Seguido de sistematização de informações e das análises para publicações e difusão da crítica e apoio a processos que garantam a autonomia de grupos e coletivos populares. Além de ações formativas, de denúncia e de pressão pública coletiva. Participação em campanhas, fóruns, encontros, movimentos, plataformas e outras articulações. E a ação conectada entre organizações, redes e articulações e/ou plataformas num âmbito nacional, latino-americano e caribenho e do sul global, ainda que tímido internacionalmente.

O cenário decorrente da pandemia de Covid-19 alterou a maneira como esses métodos são postos em prática, uma vez que o contato mais direto se tornou inviável e esta era uma das formas mais utilizadas pela Rede, a presença nos espaços e territórios. Porém percebe-se que a inovação e adaptação do Jubileu se mostrou eficiente e as ações pensadas tiveram suas metodologias alteradas para caber nesse novo cenário.

Nesse tema de métodos e estratégias, foram apontadas duas categorias para aprofundamento e fortalecimento: Comunicação e Intercâmbio de experiências. Analisa-se que o tema da comunicação teve um grande avanço no último período (2016-2020), agora a necessidade é ampliar para um público externo à Rede e criar uma estratégia de diálogo com movimentos que atuam em outras frentes, como a Educação, a questão racial, migrações e militarização em outros países. Para o tema de Intercâmbio de Experiências se sugere uma ação presencial, quando possível, entre os membros da Rede e grupos acompanhados e outra remota, que minimize a sensação de isolamento e favoreça a lógica de circulação das resistências.

Sobre os objetivos e resultados da Rede para o período, avalia-se que ainda que não tenham sido plenamente atingidas as referências indicadas no Planejamento Estratégico, embora um avanço considerável em torno dessas referências foi percebido. Há agora uma maior abrangência na base, nos territórios e uma presença sistemática da Rede nesses espaços. Além da ação ativa junto aos públicos prioritários, consequentemente com uma maior presença na sociedade.

Um resultado da Rede, que não é de agora, mas desde a sua concepção, está relacionado a manutenção da pauta do endividamento, atrelado às questões da justiça socioambiental, soberania dos povos, superação de desigualdades, defesa de direitos e participação e controle social.

No último período, o Jubileu teve um maior alcance no tema do endividamento e avalia-se que aumentou sua contribuição junto a diferentes grupos, mas que precisa trabalhar a visibilidade e formação de opinião, incluindo ações de incidência junto aos governos e parlamentos, nacional e internacionalmente, no âmbito da Rede JS/A. Acredita-se que uma maior definição do público e dos temas que se deseja comunicar e incidir, com investimento na articulação com outros movimentos que estejam atuando de maneira alinhada à rede, poderá fazer com que o Jubileu se torne ainda mais uma fonte de informações privilegiada, produzindo assim narrativas desde os territórios como é seu objetivo.

O momento atual, envolvendo dois grandes projetos, e toda a construção de uma nova estrutura é algo muito desafiador. Avalia-se que o resultado da aprovação desses projetos é uma conquista da Rede, mesmo que venha acompanhado de grandes contradições que obrigam sua coordenação a sempre dialogar e buscar caminhos coletivos para responder às realidades que se apresentam e assegurar suas referências estratégicas nesse percurso.

Em termos de relações e impactos nacionais da ação da Rede, percebe-se uma posição sempre coerente e aguerrida, sendo uma referência política para os movimentos sociais e demais redes que dialogam com o Jubileu. Nos territórios, é vista como um espaço de articulação com outras esferas, de articulação política e de luta num arco mais amplo, sendo muito assertiva na discussão do endividamento, garantia de direitos e justiça socioecológica. Afirma-se que ao longo de sua trajetória, a Rede envolveu muitas comunidades e territórios, trabalhando diretamente a realidade local *versus* o impacto das dívidas na vida das pessoas.

Também em contexto nacional, sua ação articulada propicia a crítica, a denúncia e a pressão social sobre o Estado para mitigar políticas que geram perdas de direitos, maior precarização da vida e que privilegiam Instituições Financeiras. O Jubileu é chamado a somar em diversas denúncias e apoiar notas de posicionamento o que repercute confiança em nossa posição histórica.

Sobre as relações e impactos internacionais, analisa-se que a Rede JSB precisa ampliar seu rol de interlocutores. Avalia-se de forma positiva os trabalhos realizados diretamente com o Jubileu Sul Américas e outras entidades ao longo dos 20 anos de atuação da Rede JSB. O Jubileu se constitui e se desenvolve também por suas relações internacionais, prioritariamente com América Latina e Caribe, e em momentos complexos, ela manteve o diálogo com organizações internacionais e uma atuação crítica.

Nos últimos 2 anos essa atuação foi intensificada com os projetos vinculados à Rede JS/A, que estão sob gestão administrativa do Jubileu Sul Brasil, e que propiciam uma maior presença e diálogo do Jubileu para além do território nacional. É possível evidenciar problemas que afetam os pobres e excluídos por força de uma política econômica que exclui, degrada e mata a todos os povos pelo mundo e partilhar muitas experiências de resistência e lutas. É preciso reforçar relações que já existem e potencializar os eixos comuns: contra o endividamento (América Latina e Caribe); luta contra a mineração e em defesa da água (Região Cone Sul e Andina), entre outros.

Durante essa análise foi avaliado que a Rede JSB contribuiu ativamente nas ações de solidariedade entre os povos, no enfrentamento de projetos de morte que atacam diretamente a vida de diversas populações pelo Brasil e mundo, e que segue debatendo com populações atingidas a temática da dívida em seus diversos tentáculos e trabalhando a solidariedade. Identificou-se como um dos papéis centrais da Rede, ao fazer a análise e a formação crítica, mobilizar e incluir os diversos segmentos da população nos seus temas, principalmente a população negra, periférica e as mulheres, que são as principais credoras.

Foi ressaltado que o trabalho desenvolvido com as mulheres, desde 2016, é um ganho qualitativo e quantitativo para a ação da Rede nos territórios. Contudo, enfatiza-se que esse trabalho é feito pelas mulheres e para as mulheres, mas não somente para elas, de maneira que é fundamental que as organizações da Rede se engajem nessas atividades de maneira mais intensa e que os homens percebam a potência do trabalho e das ferramentas e metodologias que são resultado dessa ação e que poderão ser utilizadas por eles. Essa escolha prioritária de trabalho com as mulheres em nada modificada a formação da rede em ser uma rede mista, uma vez que não se pretende tornar a Rede ou o Institui Rede Jubileu Sul Brasil uma organização de mulheres.

A crise sanitária, econômica e política acentuada com a pandemia em 2020 faz emergir a necessidade de se discutir com a sociedade a questão do endividamento, da defesa e garantia de direitos, da soberania dos povos, da solidariedade entre os povos, dos custos da máquina pública, da formulação e aplicação de políticas públicas e da participação e controle social.

Afirma-se que a Rede tem uma importância política e macropolítica e das relações que se constituem em torno dela. Sua Secretaria Executiva e cada entidade membro tem o desafio de manter a Rede viva na perspectiva de financiamento e na perspectiva organizativa. Os últimos projetos geraram um momento favorável nesse sentido, mas suas contradições são objetos de reflexão permanente, principalmente no que tange às divergências entre forma e conteúdo e nas demandas que são repassadas às integrantes. No entanto também se ressalta que estes projetos geram uma perspectiva de continuidade e auxiliam a pensar novas estratégias. O

Estado precisa de intermediários e as redes e movimentos são os melhores intermediários entre a sociedade e as políticas públicas.

Por fim, durante o processo de avaliação do Planejamento Estratégico (2016-2020), foi pautada a necessidade de não se trabalhar de imediato com um Planejamento Estratégico tão longo, ou ao menos pensar uma estrutura de Planejamento que seja facilmente alterado, uma vez que o cenário está constantemente mudando não só pelo contexto da crise sanitária, mas principalmente pelos desdobramentos políticos enfrentados nos últimos anos. A perspectiva é que com as eleições de 2022 haja uma maior polarização e as respostas à essa situação deverá ser elaborada a partir e com o contexto que se apresentar, evitando assim uma reelaboração do Planejamento no ano seguinte.

Síntese avaliativa (2016-2020) - Apresentação

Arquivo em pdf (Apresentação_ResumoAvaliação_mai22.pdf) contendo as seguintes informações:

- **A rede**

A Rede Jubileu Sul Brasil é um espaço plural, composta por um conjunto de organizações, movimentos e coletivos que trabalham temáticas e metodologias em comum e, portanto, dão sentido à sua dinâmica e ação pautada na horizontalidade e circularidade considerando a diversidade das entidades que a compõe. Entende-se que é pela participação nas reflexões, decisões e comprometimento que se estabelece de maneira prática esse pertencimento. O foco principal é a temática da dívida e seus desdobramentos, com vinculação intensa à garantia de direitos e soberania dos povos, em uma construção orgânica de agendas e pautas.

- **Funcionamento**
    - A relação das entidades integrantes com a Rede se expressa no cotidiano, em maior ou menor grau. Todas as organizações são chamadas a compor os espaços diretivos e de gestão e a compartilhar os desdobramentos das ações e atividades da Rede nos espaços que atuam e nos territórios.
    - Há uma organicidade definida na origem da Rede, com a propositura e realização de ações amplas. Porém, apesar dessa trajetória, a pauta da luta contra a dívida não conseguiu se estabelecer de maneira mais intensa e transversal no interno de todas as organizações integrantes e há sobreposição de outras pautas, vinculadas ao endividamento, mas nem sempre explícitas.
    - Os principais tipos de atividades que mobilizam o conjunto da Rede são reuniões, eventos, atividades formativas, atividades de mobilização e atividades de incidência. Destaque também para elaboração de material teórico-crítico, para as formações e para as campanhas.
    - A representação em outros espaços e articulações nos quais as organizações integrantes se identifiquem enquanto Rede JSB, dá visibilidade ao trabalho realizado local, nacional e internacionalmente. A Rede provoca as organizações a olhar para além da luta diária e cotidiana, a sistematizar e partilhar experiências para dar mais amplitude e enriquecer a ação realizada.
    - Há organizações mais engajadas e atuantes no cotidiano da Rede, participando de suas diversas instâncias, e há aquelas que seguem participando de algumas

atividades para as quais são convidadas e no repasse e difusão de encaminhamentos e materiais formativos e/ou de comunicação. As duas formas são importantes para atingir os objetivos do trabalho realizado. Todas as organizações integrantes, independente do grau de interação, realizam ações de incidência e mobilização da sociedade nos temas e processos da Rede JSB com bastante comprometimento.

- Os materiais produzidos pela Rede são repercutidos nas páginas e mídias sociais da Rede JSB e reproduzidas pelas ferramentas e mídias das organizações.
- O cenário dificultador no qual a Rede realiza seu trabalho também é um fator que impacta na ação coletiva. Por vezes as organizações integrantes não conseguem realizar uma articulação com maior peso, pois o cotidiano interno e as demandas territoriais se sobrepõem ao trabalho ampliado.
- Algumas organizações possuem uma relação mais íntima com a Rede, sendo por vezes difícil separar os âmbitos das ações da organização e das ações da Rede na qual a organização está inserida. Há relatos também de organizações que em suas reuniões internas (de equipe, planejamento e gestão) discutem as ações da Rede e definem diretrizes para sua atuação nessas ações.
- Há indicação de abertura para outras organizações que já são parcerias ou realizam trabalhos alinhados nos territórios onde a Rede tem presença, com necessidade de uma postura ativa da Rede para esse movimento. Bem como a ampliação da participação de pessoas que são vinculadas ou beneficiárias das entidades membros, principalmente nas formações e ações de mobilização.
- Com a pandemia, o uso de outras tecnologias de informação e comunicação se tornou essencial e as organizações integrantes também utilizam esses espaços para repercutir as atividades da Rede e mobilizar seu público à participação, considera-se inclusive que a Rede conseguiu maior visibilidade nesse período por meio dessas tecnologias. Porém foi indicada a necessidade de ampliar os tipos de parceiros nesse campo, com uma relação mais estreita com meio de comunicação mais tradicionais, como rádio, televisão e jornal.

- **Forças ou avanços acumulados no período**
  - Articulação e Incidência:
    - Manutenção da capacidade de dialogar com diferentes setores da sociedade civil e ampliação da ação conjunta como resposta aos

contextos, incluindo focos para além das temáticas principais do Jubileu;

- Estreitamento do trabalho com a Academia nacional e internacional para o debate sobre o tema da financeirização;
- Presença ativa na incidência em torno das políticas públicas e na realização de denúncias e ações de enfrentamento ao tema do endividamento e justiça socioambiental;
- Reforço de ações de combate aos racismos, à misoginia e ao machismo, além de pautar o viés classista da pressão e violações sofridas pela população;
- Fortalecimento da articulação internacional.

- Crítica e Conhecimento:
  - Produção sistemática de materiais informativos, comunicacionais e formativos, por um viés feminista e a partir dos territórios;
  - A perspectiva feminista de sua ação transporta para um eixo de trabalho, trouxe à tona diversas questões internas e externas que estavam invisibilizadas sob o discurso da transversalidade;
  - Efetivação da Coletiva de Mulheres da Rede JSB foi um espaço fundamental para canalizar e direcionar as ações da Rede nos territórios;
  - A manutenção do trabalho junto ao Grito das/os Excluídas/os, das Pastorais, dos Movimentos e Plataformas Sociais e da Semana Social Brasileira assegurou a incidência de maneira extensa na crítica ao modelo de desenvolvimento vigente.

- Comunicação e Educação Popular:
  - O trabalho em rede conseguiu atingir mais pessoas com os materiais produzidos que apresentam os temas e desafios em linguagem acessível e com propostas metodológicas diversas;
  - Durante a vigência do Planejamento Estratégico anterior, ainda que com mais dificuldades em um tema do que em outro, o tripé dívida-militarização-livre comércio esteve em pauta;
  - No período que antecedeu a pandemia, a participação nas oficinas e eventos da Rede foi notável;

        - As atividades realizadas pela Coletiva de Mulheres ao longo do ano de 2020/2021 e com a ação Sinergia Popular em 2021, são exemplos do alcance e efetividade do trabalho, assim como as formações virtuais no âmbito do Jubileu Sul Américas.

    - Fortalecimento Institucional:
        - A Rede passou por mudanças em sua composição, com o desligamento de organizações e a entrada de novos membros, o que gerou uma dinamização e renovação das temáticas;
        - Reconhecimento de pessoas, de maneira individualizada, como membros da Rede, valorizando a vinculação histórica de colaboradoras/es que estão desligadas/os de organizações integrantes e/ou que aportam significativamente nas ações da Rede desde seus trabalhos de pesquisa, produção crítica e/ou relação com o território;
        - Efetivação de instâncias de gestão e operacionalização, incluindo a ampliação de equipe, possibilitou uma qualificação da ação;
        - A aprovação de diversos projetos ampliou o leque de ações, locais e públicos e garantiu a sobrevivência da Rede que há muito vinha com defasagem na mobilização de recursos.

- **Limitações e desafios**
    - Recursos e sustentabilidade econômica;
    - Fragilidades institucionais;
    - Comprometimento de seus membros;
    - Alcance das ações em rede;
    - Dificuldades em transpor conteúdos com linguagem e suporte acessível e em falar para um público externo;
    - Dificuldade de difusão de informações e materiais para além do público já engajado
    - Maior abstração dos temas prioritários;
    - Sobrecarga no trabalho da Secretaria Executiva, sobretudo para as obrigatoriedades dos projetos em execução;
    - Participação reduzida nos espaços de diálogo e tomada de decisão da própria Rede;
    - Se constituir como uma rede é considerado um desafio intenso;

- Fragilidade na articulação internacional da Rede, principalmente para os países do Cone Sul;
- O intenso trabalho das próprias organizações faz com que não haja disponibilidade para as ações da rede sem que se comprometa o cotidiano e sobrecarregue as equipes;
- Velocidade com que as demandas são impostas pelo contexto ou pelas exigências dos projetos é agravante da situação de sobrecarga;
- É preciso ter atenção na mobilização de outros atores para as atividades da Rede e uma maior distribuição de responsabilidades entre as entidades;
- Observa-se que o Jubileu faz parte de um conjunto de outras organizações, articulações e redes que estão buscando a construção de um projeto popular de sociedade, porém falta uma unidade nessa construção, há muita divergência de conceituação e propostas de caminhos que causam uma dispersão dessas instâncias;
- Dificuldade na superação do discurso de extensão territorial que, embora de fato dificulte o trabalho, é mantido como um empecilho para ações de caráter nacional mais ampliadas;
- Foi assinalado um destaque na dependência de projetos para a manutenção da ação nos quais se promove em certa medida um distanciamento da proposta da Rede e de como esta define estrategicamente seu posicionamento e atuação, para se adaptar às exigências das agências e editais.

- **Destaques na trajetória da Rede (2016-2020)**
  - Campanha sobre a Dívida – *A Vida Acima da Dívida*;
  - Campanha Haiti e Campanha Haiti e Porto Rico;
  - Campanha contra o Desmonte da Previdência;
  - Debate sobre previdência social no Brasil, a PEC do Teto dos gastos e outros;
  - Projeto *Nós, mulheres, na luta e na defesa por direitos* e seus desdobramentos nos territórios.
  - Constituição e ações da Coletiva de Mulheres da Rede JSB;
  - Revista *Dívida e o impacto na vida das mulheres*;
  - Formação de mulheres rurais e urbanas sobre o tema da Dívida;
  - Metodologia da Cartografia Social;
  - Cartilha sobre metodologias para o trabalho com mulheres;
  - Cirandas de formação e Oficinas de Comunicação;
  - Realização/apoio ao Grito das/os Excluídas/os;
  - Participação/Organização da 6ª Semana Social Brasileira;
  - Participação/Realização de encontros e seminários de formação;

- Sistematização e difusão da Memória dos 20 anos do Jubileu;
- Publicações diversas;
- Articulação dos territórios em resistência aos megaprojetos, com intercâmbio das experiências de resistência;
- Acompanhamento da luta das famílias do morro do Regaço em São José dos Campos, vitimadas pelo BID – Banco Interamericano de Desenvolvimento;
- GT Dívida e GT Dívida ampliado;
- Trio de conversas sobre diversos temas;
- Debate e materiais produzidos em relação à economia verde, financeirização da natureza e capitalismo verde;
- Todo o trabalho formativo e informativo, adaptado ao período de pandemia, em relação ao Sistema da dívida, os mecanismos das Instituições Financeiras e os impactos nas políticas sociais;
- Participação no projeto *20 anos do projeto Promotoras Legais Populares*;
- Presença em outros fóruns, plataformas e redes;
- Semana de Ação Global, em conjunto com Red Jubileo Sur / Américas (JS/A);
- Aportes às organizações por meio dos projetos de ajuda a terceiros;
- Campanhas de solidariedade nacional e internacional;
- Fortalecimento da comunicação.

- **O trabalho da Rede**
  - É caracterizado pelo diálogo com o contexto e no enfrentamento aos processos de exploração e violação. A cooperação internacional tem mudado e suas pautas estão mais alinhadas com o Jubileu, o que pode favorecer o trabalho da Rede, a manutenção dos acordos atuais com essas instituições e novas parcerias.
  - Os métodos e estratégias de ação analisados indicam a participação das/os envolvidas/os nas etapas de decisão e avaliação como uma característica transversal a todos eles.
  - Os métodos podem ser descritos como análise crítica da realidade e das políticas macroeconômicas visando os impactos sociais e ambientais em diversos níveis e formas. Seguido de sistematização de informações e das análises para publicações e difusão da crítica e apoio a processos que garantam a autonomia de grupos e coletivos populares. Além de ações formativas, de denúncia e de pressão pública coletiva. Participação em campanhas, fóruns, encontros, movimentos, plataformas e outras articulações. E a ação conectada entre organizações, redes e articulações e/ou plataformas num âmbito nacional, latino-americano e caribenho e do sul global, ainda que tímido internacionalmente.
  - O cenário decorrente da pandemia de Covid-19 alterou a maneira como esses métodos são postos em prática. Porém percebe-se que a inovação e adaptação do Jubileu se mostrou eficiente.
  - Nesse tema de métodos e estratégias, foram apontadas duas categorias para aprofundamento e fortalecimento: **Comunicação e Intercâmbio de**

experiências. Analisa-se que o tema da comunicação teve um grande avanço no último período (2016-2020), agora a necessidade é ampliar para um público externo à Rede. Sobre o intercâmbio, propõem-se atividades presencial, assim que possível, que tenham como foco essa partilha.

- **A Secretaria Executiva**

Nos últimos anos essa instância que deveria ser apenas um suporte jurídico e de aglutinação da Rede, passou a adquirir características e dinâmicas de uma organização como as demais que compõe o Jubileu, pois a execução e gestão de projetos para a subsistência da Rede recai principalmente sobre a Secretaria.

O caráter mais articulador da Secretaria passou a ficar em segundo plano, perdendo o espaço de presença junto às organizações que alimentavam o sentido e o sentimento de pertença. Aqui reside uma preocupação central em não se tornar uma entidade em si. Esta opção de mobilização de recursos através de projeto tem a ver com os novos rumos do financiamento internacional.

- **Objetivos e Resultados (2016-2020)**
    - Avalia-se que ainda que não tenham sido plenamente atingidas as referências indicadas no Planejamento Estratégico anterior, foi percebido um avanço considerável. Há uma maior abrangência na base, nos territórios e uma presença sistemática da Rede nesses espaços. Além da ação ativa junto aos públicos prioritários.
    - Os dois grandes projetos atuais, apesar de suas grandes contradições, possibilitaram a conquista de uma nova estrutura e de maneiras de diálogo para responder às realidades que se apresentam, além de assegurar suas referências estratégicas nesse percurso.
    - Um resultado da Rede, que não é de agora, mas desde a sua concepção, está relacionado a manutenção da pauta do endividamento, atrelado às questões da justiça socioambiental, soberania dos povos, superação de desigualdades, defesa de direitos e participação e controle social. No último período, o Jubileu teve um maior alcance no tema do endividamento e avalia-se que aumentou sua contribuição junto a diferentes grupos, mas que precisa trabalhar a visibilidade e formação de opinião, incluindo ações de incidência junto aos governos e parlamentos, nacional e internacionalmente, no âmbito da Rede JS/A.
    - Em termos de relações e impactos nacionais, percebe-se uma posição coerente e aguerrida, sendo uma referência política para os movimentos sociais e demais redes que dialogam com o Jubileu. Nos territórios, é vista como espaço de articulação com outras esferas, de articulação política e de luta em um arco mais amplo, sendo assertiva na discussão do endividamento, garantia de direitos e justiça socioecológica.

- Em contexto nacional, sua ação articulada propicia a crítica, a denúncia e a pressão social sobre o Estado para mitigar políticas que geram perdas de direitos, maior precarização da vida e que privilegiam Instituições Financeiras.
- Sobre as relações e impactos internacionais, analisa-se que a Rede JSB precisa ampliar seu rol de interlocutores. Avalia-se de forma positiva os trabalhos realizados com JS/A e outras entidades ao longo dos 20 anos de atuação da Rede JSB. É preciso reforçar relações que já existem e potencializar os eixos comuns: contra o endividamento (América Latina e Caribe); luta contra a mineração e em defesa da água (Região Cone Sul e Andina), entre outros.
- A Rede JSB contribuiu ativamente nas ações de solidariedade entre os povos, no enfrentamento de projetos de morte que atacam diretamente a vida de diversas populações pelo Brasil e mundo, e que segue debatendo com populações atingidas a temática da dívida em seus diversos tentáculos e trabalhando a solidariedade.
- Identificou-se como um dos papéis centrais da Rede, ao fazer a análise e a formação crítica, mobilizar e incluir os diversos segmentos da população nos seus temas, principalmente a população negra, periférica e as mulheres, que são as principais credoras.
- A crise sanitária, econômica e política acentuada com a pandemia em 2020 faz emergir a necessidade de se discutir com a sociedade a questão do endividamento, da defesa e garantia de direitos, da soberania dos povos, da solidariedade entre os povos, dos custos da máquina pública, da formulação e aplicação de políticas públicas e da participação e controle social. Afirma-se que a Rede tem uma importância política e macropolítica e das relações que se constituem em torno dela.
- O trabalho desenvolvido com as mulheres, desde 2016, é um ganho qualitativo e quantitativo para a ação da Rede nos territórios. Contudo, enfatiza-se que esse trabalho é feito pelas mulheres e para as mulheres, mas não somente para elas, de maneira que é fundamental que as organizações da Rede se engajem nessas atividades de maneira mais intensa e que os homens percebam a potência do trabalho e das ferramentas e metodologias que são resultado dessa ação e que poderão ser utilizadas por eles. Essa escolha prioritária de trabalho com as mulheres em nada modificada a formação da rede em ser uma rede mista, uma vez que não se pretende tornar a Rede ou o Instituto Rede Jubileu Sul Brasil uma organização de mulheres.

Análise de conjuntura (2021)

A Rede vem realizando um cronograma de dois encontros mensais da coordenação nacional, para fazer uma análise da conjuntura e um processo de formação, respectivamente. Essa estratégia tem se mostrado muito efetiva para acompanhamento das mudanças periódicas que se avaliam, das demandas e das denúncias, mas principalmente para expor publicamente, de maneira organizada e periódica, a posição da Rede sobre as mais diversas questões que atravessam a realidade do povo brasileiro e latino-americano.

É importante ressaltar que a crise vivida pelo país, e pelo mundo, nesse período no qual estamos realizando o processo de elaboração do PE 2022-2025 nos impõe muitos desafios uma vez que a conjuntura tem sofrido mudanças constantes. No Brasil, o atual governo de Jair Bolsonaro e os diversos governos estaduais e municipais, diante da pandemia de Covid-19, não tem agido de forma coordenada e isso afeta muito o quadro geral, pois a saúde não é um nicho isolado e o contexto sanitário é agravado por todos os outros e, em igual medida, os afeta também.

Na sequência apresentamos uma síntese da fala das convidadas e o debate que se desenvolveu, para cada um dos encontros.

Momento I

Em 23 de março, a Rede recebeu Cristiane Faustino para o encontro mensal sobre a conjuntura, recepcionada por Aline Lima com o texto “Periferia Preta”, de Saney Souza. Cris iniciou sua intervenção comentando que observava neste grupo um coletivo super articulado e que era necessário ter fôlego para realizar análises como estavam fazendo, considerando reuniões a cada 15 dias.

Sua fala foi conduzida a partir de uma reflexão sobre as diversas resistências que os territórios vinham promovendo, compreendendo-se por resistência a luta cotidiana das comunidades periféricas nas cidades, as comunidades tradicionais, uma resistência que se dá num contexto muito grave de aumento da destituição, das desigualdades, das violências e de fome. Uma resistência construída pela sobrevivência.

Cristiane reside em Fortaleza e observa que houve um aumento muito grande das pessoas pedintes, com fome, e que essas pessoas criaram metodologias de abordagem. Percebeu também que há muitas pessoas preocupadas com isso, sejam pessoas de maneira individual ou os grupos organizados. Esses grupos organizados se articulam a partir de uma ação de assistência, mas também pela crítica radical, estrutural, mesmo dentro de casa. Comentou ser necessário reconhecer a importância das redes sociais que, para o bem ou para o mal, têm

possibilidade de muita articulação. De maneira que é dessa forma que podemos fazer falas públicas, falando sobre as dificuldades de nossas populações que tendem a ficar invisibilizadas. Que o mundo virtual tem a capacidade de tornar público, de mobilizar.

Outro ponto muito presente no discurso da convidada foram as resistências organizadas nos territórios. As comunidades tradicionais costeiras com quem trabalha, por exemplo, tem agido no sentido de apoiar o isolamento social, de garantir o direito a saúde, de denunciar o agravamento da violência e da ausência do Estado. A Pandemia tem sido a prioridade total, pois ela agrava os contexto e as situações de violência e violações, revela e evidencia todas as mazelas da sociedade brasileira, escravocrata, racista e que não valoriza a diversidade de nossa nação, historicamente marcada pela violência e tortura da população negra, pelo genocídio da população indígena, pelo estupro de mulheres negras e indígenas, e por uma outra série de violações. Comentou ainda que, embora se tenha uma carta magna que faz o país democrático, não há o mesmo patamar de igualdade para todas as pessoas. As políticas públicas existem, mas estimulam a precarização, naturalizam a precarização da vida, intensificadas pela ascensão de um governo de extrema direita. Outro ponto reforçado por Cris é a necessidade de se reconhecer a luta indígena, os povos indígenas têm fortalecido bastante a capacidade de incidência política até mesmo na esfera internacional.

Constatou que o "rosário de sofrimento" não tem fim. É uma coisa compreensível, olhando para o contexto. Ressaltou que a situação impulsiona a inovação das formas de resistência, uma nova linguagem para sistematizar as falas do movimento social do qual a Rede JSB faz parte para as plataformas virtuais e para fazer frente a esse discurso que tem se tornado prevalecente, um discurso simplista que ativa os gatilhos de racismo. Nessa linha, as campanhas de solidariedade são uma forma de resistência importantíssima. O desafio é como garantir a campanha sob o risco de contaminação, fazendo o trabalho emergencial e aproveitando para construir novas pedagogias, construir processos nos quais as pessoas possam se reconhecer.

Cristiane fez uma crítica muito estrutural: a incapacidade que a esquerda tem de compreender os problemas de nossa sociedade de forma radical, interseccionada, as tramas das repressões (de classe, machismo, racismo e lgbtfobia). Observa que o processo pedagógico não foi suficiente para que o povo brasileiro reconhecesse sua história. A sociedade brasileira é racista, as populações não brancas não são representadas. Afirma que há uma dificuldade de se compreender que falar de racismo é falar de política, economia, cultura.

Questionou ao grupo sobre o significado do governo atual, onde um genocida, um entusiasta da tortura, da morte, que gosta de ver as pessoas morrerem, que dificulta a vacina, que atrapalha quem está tentando fazer algum trabalho, discorda e age contra os governadores e prefeitos, desconsidera a gravidade da doença, desdenha das famílias dos mortos, cedeu à

pressão dos capitalistas para favorecer a economia em detrimento da saúde e vida da população. A convidada se pergunta como Jair Bolsonaro pode se manter no poder, pois ainda que compreenda do ponto de vista racional como foi possível que ele tenha sido eleito, após os últimos acontecimentos políticos do país, não consegue compreender essa manutenção, por ser um presidente que destrói políticas públicas, afeta a imagem internacional do país, realiza uma gestão ineficiente da crise, entre outros fatores. Questiona como isso é possível, quando até mesmo as grandes mídias se mobilizam para denúncia.

Para encerrar sua provocação inicial, Cris relembrou que no dia anterior houve uma situação de um pronunciamento público na qual o Ministro da Saúde e diversos outros homens brancos, que não sabem o que fazer com a pandemia, fingiam trabalhar para uma gestão da crise e pelo cuidado a população. Perguntou se não haveria nenhuma penalização, nenhuma reparação. Se valeriam os esforços para criar uma mentira pública. E como seria possível aproveitar a força de mobilização e de incidência da sociedade civil para sermos mais ferozes, fazer pressão em todas as instituições. Porque as instituições são cúmplices ao não retirar ele do cargo.

Com a abertura das falas para o debate, Magnólia Said agradeceu a Cris Faustino e comentou que teria um acréscimo a partir do final da fala de Cris. Afirmou que há vários meses também se questiona sobre como é possível que Jair Bolsonaro se mantenha presidente e que acabou por construir uma resposta para si mesma. Acredita que ele continua no poder por ter constituído uma rede de compadrios que estão em lugares estratégicos de decisão. Da mesma forma, crê que o exército, que poderia como entidade limpar a sua honra diante da chacota, se envolveu também numa rede de benécias, onde possui cargos políticos ao mesmo tempo que são generais, coronéis, tenentes e muito mais. E o terceiro ponto que explica a manutenção de Bolsonaro na presidência, é o próprio sistema financeiro, pois enquanto estiverem lucrando, ele ficará. Afirmou que é a partir desse raciocínio, construído em 2 bases, que pode explicar a situação atual. E contou que naquele mesmo dia viu Joe Biden, atual presidente dos EUA, falando em racismo, em violência contra mulher, como só Barack Obama tinha pautado e talvez de maneira ainda mais radical. Se surpreendeu.

Sandra Quintela afirmou que Joe Biden tem um discurso dúbio, interna e externamente. Que embora esteja buscando apoio interno, para fora está brigando com a Rússia. Isso se configura como um cenário internacional perigosíssimo. Comentou que a fala de Cris remetia a uma coisa que tinha visto esses dias que dizia que uma análise sobre 2018 mostrará que as situações que começaram a se desenrolar a partir da eleição foi corada 2 anos depois com a pandemia. Um ciclo extremamente doloroso. A situação é complexa: ou morre de vírus ou morre de fome. Comentou que é a primeira vez em muito tempo que houve um aumento dos juros e

que aumento dos juros significa aumento da dívida. Ao mesmo tempo, disse há um problema vigente, pois a classe trabalhadora como um todo não vê na esquerda uma referência. O antipetismo é um antidireitos, um antiesquerda. E por isso, as pessoas teriam perdido a confiança no coletivo.

Francisco Vladimir, na sequência, comentou sobre o mesmo episódio relembrado por Cristiane, onde no dia anterior o Ministro da Saúde fez um pronunciamento no qual um retrato foi explicitado: homens brancos. Considerou que isso era muito emblemático, pois transparece quem está ditando as regras. Isso faz com que ele pense nessas resistências. Afirmou que há uma resistência no mundo virtual, há um ano já, utilizado para manter a conexão e questionar o modelo econômico e a forma de fazer política que está imposta. E disse que a esperança de ir pra rua alimenta o movimento social organizado. Porém questionou se, a partir de como está esse modelo, há esperança. Pensa que resistir é uma esperança. E reforçou que não é só apenas uma questão de vacina. É preciso refletir sobre as consequências disso e sobre o que se está acumulando com tantas *lives*, com tantos cards.

Talita Guimarães relembrou a frase que diz "as vozes da resistência nascem do asfalto". De todas as opressões a palavra que sintetiza é o *desgraçamento*, um processo de disputa. Considera que não estão conseguindo dar resposta, que há um desgaste político, que começou com a teoria das prosperidade em 1990 e se aprofundou com a política hibrida do governo de esquerda, até culminar num golpe de estado. Afirma ainda que a, sendo apossada pelos setores do capitalismo liberal, mesmo que se configure como um pilar das pautas que constroem a luta de classes. Avalia também que a rede JSB está performando muito bem nesse instrumento virtual.

Dirlene falou brevemente sobre a necessidade de se ouvir uma fala que mostra as resistências. E concorda em grande medida com o que foi apontado anteriormente, porém tem expectativa sobre o que vem a seguir. Penso que, como Jubileu, precisam pensar construir o depois. E, para terminar, compartilhou que no dia anterior, em Belo Horizonte/MG, receberam a notícia de renúncia de uma vereadora com muita surpresa, pois nem o grupo que a apoiava, o Coletiva, sabia o que estava acontecendo que culminou em sua saída.

Antes de Cristiane retomar a palavra para dialogar com as intervenções, Cosme Vitor contou que também haviam perdido um companheiro naquele dia, em São José dos Campos, chamado João Modesto, que estava ativo na luta contra o BID que o Jubileu apoia. Comentou que sente que há um ataque desenfreado às instituições, onde aqueles que não pensam como quem está no governo hoje ou que o apoia, precisa ser eliminado. Reforçou que o cansaço da classe trabalhadora é muito perigoso, isso inviabiliza um partido e um projeto político. Lembrou que em um pronunciamento no Senado, no dia anterior, um assessor de Jair Bolsonaro fez um

sinal supremacista, da Ku Klux Kan. E, depois, lembrou a sinalização do caminho que o congresso está seguindo, com a militarização, e sobre a influência da igreja nesse contexto. Outro ponto que destacou foi que percebeu o envelhecimento das pessoas durante esse difícil período. Finalizou pedindo que a Rede fizesse uma homenagem à João Modesto.

Cristiane retomou dizendo que foram colocadas muitas questões por ela e nas manifestações do grupo. Começou pelo ponto onde avalia que há uma guerra psicológica, que tem um grande impacto na vida das pessoas, e que ela é planejada. A militarização está presente e utiliza dessa estratégia. Afirmou que há um tremendo processo de entristecimento das pessoas críticas e com compromisso com a transformação social, que tem vida de militância de construção coletiva, de desvendamento das desigualdades pela produção de conhecimento, de diálogo e disseminação de ideias. E quando se está entristecida, é mais fácil se deixar vencer.

Reforçou que quando se avança em relação a um direito e na vivência dele, vem a reação conservadora, como é o caso das lutas LGBTQI+ que efetivamente incidiram na sociedade. Porém considera que atualmente há uma regressão dos processos que incidiram na Constituição Federal de 1988 e nos avanços do desenrolar das políticas públicas, constituindo um "chão democrático". Esse *status* está sendo alterado constantemente com a noção de que esses avanços mudaram elementos fundantes da sociedade brasileira, houve impactos nas formações familiares, no lugar e importância da mulher e nas discussões sobre racismos, por exemplo, para evitar que as mudanças sigam se consolidando há um forte movimento contrário, que se vê espelhado no atual governo.

A convidada comentou ainda sobre a apropriação capitalista das lutas identitária, um exemplo bem simples: a Barbie negra é uma apropriação capitalista da pauta antirracista, mas que não é ruim para a população negra. Ela coloca um ponto muito importante de representatividade. Quando falamos sobre garantia dos direitos das mulheres, estamos falando sobre uma transformação da sociedade. O mesmo se dá com as outras pautas, negras, indígenas. Tivemos um avanço com eleição de diversas candidaturas individuais e coletivas de mulheres, negras, indígenas. Essas candidaturas alertam a população de que ela pode e deve ocupar a política e que isso pode ser diferente, um sucesso na mobilização e pedagogia com a população.

Quanto as redes sociais, Cristiane comentou que há o desafio de sair das bolhas, criar conteúdo e trocar informações para além das pessoas que já são mobilizadas e a favor das pautas defendidas. Falou também sobre internet ser uma realidade, mas não chegar a todos os lugares, e que o legado da pandemia poderia ser a democratização da comunicação e de meios tecnológicos, mas o governo impediu o projeto que distribuiria equipamentos para professores/as e alunas/os.

Finalizando sua intervenção do dia, Cristiane ressaltou que não é simples reverter o que se entende como política pública, direitos e cidadania ou como esses conceitos são postos em prática. Mexer com essas estruturas causa muitas movimentações contrárias. Pensar em meio ambiente ou em políticas para as mulheres é considerado ruim. E ao falar sobre a questão das políticas para as mulheres, Cristiane reforçou que os homens precisam assumir a tarefa de mudar as relações de gênero e as masculinidades. Os homens estão se matando, matam suas mulheres, tem um pensamento extremamente violento. E se essas situações todas forem mantidas como secundárias culminam em resultados como a eleição de Jair Bolsonaro ou, em 2022, com a eleição de uma pessoa como Sergio Moro ou Luciano Hulk. É preciso trabalhar em conjunto e incidir para uma nova realidade. A crise econômica tem relação com as recessões, mas também uma crise do pensamento popular da sociedade brasileira. São desafios enormes, pois o fundamentalismo é um projeto de sociedade.

Aline Lima agradeceu à Cristiane Faustino e a convidou para estar com conjunto com a Rede pensando metodologias.

Momento II

Em 22 de abril, para a segunda reunião de análise de conjuntura que está sendo diretamente vinculada ao processo de estruturar o Planejamento Estratégico da Rede JSB, Helder Gomes foi convidado para realizar uma intervenção em conjunto com as pessoas que compõem a Coordenação Nacional da Rede com foco em entender os elementos estruturais que determinam a conjuntura, nacional e internacionalmente.

Helder foi recepcionado por Rosilene Wansetto, secretária executiva da Rede, e iniciou sua apresentação reforçando que quando se fica preso à conjuntura, não é possível entender esses elementos, o que produz a conjuntura. Se analisa o resultado, o sintoma, e não o início dos problemas. Sua fala foi baseada em uma publicação que está escrevendo, atualizando temas e defendendo a tese que não se vive um quadro de recessão, há a exacerbação de um quadro estrutural. De vez em quando ocorre um arrocho no autoritarismo, mas ele é uma marca registrada no país.

Afirmou que o processo de colonização e descolonização é inorgânico e responde a especulação de um capitalismo internacional, onde a abolição da escravatura, por exemplo, se configura como uma exigência desse capitalismo e não uma decisão ou uma consequência dos processos internos. O mesmo se deu com a ampliação industrial do Brasil, uma diversificação do modelo industrial e não uma expansão industrial. Além de uma série de instrumentos de dominação que também são usados a favor da especulação internacional.

Comentou sobre os planos de estabilização econômica serem apenas tentativas de estabilização monetária que corroboram com um regime instável. Questiona a situação e traz mais elementos para uma interpretação que as pesquisadoras chamam de “uma herança de nossos passado colonial”. Helder afirmou que seu texto traz essa discussão em seu corpo e se encerra com os legados do plano real. Um plano elaborado que trazia em seu interior uma necessidade de endividamento e

com isso, uma proposta de privatização. Um plano que é necessário ser entendido em suas minucias. A proposta do texto, então, é abordar estes tema e estabelecer sínteses dos momentos principais.

Em sua fala sobre esse ponto, ainda disse que aquele momento, dos 1990 até a virada para os anos 2000, foi um processo de adaptação, um atrelamento da moeda nacional ao dólar e mantendo as taxas de juros elevadas, com um diferencial entre as taxas de juros internas e externas para atrair investimento em dólares. E que mesmo depois que Fernando Henrique Cardoso foi reeleito e acabou se dobrando a necessidade de flexibilizar a ideia de manter a paridade de 1 pra 1 entre dólar e real, mantém-se um triple que vai atravessar todos os governos, especialmente uma necessidade de manter o superávit primário com cortes drásticos de gastos públicos em uma tentativa de readaptação, o que aponta para uma reforma administrativa, uma outra visão de Estado. Cria-se então a ideia de que existem atividades exclusivas do Estado e outras não-exclusivas, que passariam por um processo de publicização.

Sobre este ponto, indica ser interessante o fato de Bresser Pereira sintetizar esse momento em um livro chamado *Crise econômica e reforma de Estado no Brasil*, explicitando o modelo que estavam utilizando, um modelo complicado de colocar em prática porque boa parte das elites detentoras de empresas estão vinculadas ao Estado e com isso teria uma parcela dessas elites fora do processo de acumulação. O processo de privatização é disputado e quando ocorre de fato ele não alcança a elite. O processo de privatização é um processo de desnacionalização e não apenas do parque produtivo como um todo, especialmente depois no governo Lula que, com a ideia de criar campeãs nacionais, incentiva a internacionalização e a privatização do parque produtivo. E o BNDS é usado para esse processo. Essa privatização também transfere o centro de decisão para o exterior, uma nova divisão internacional do trabalho. Aquilo que o Celso Furtado já tinha identificado no início dos anos 1990 como uma “construção interrompida”, dentro da perspectiva teórica que ele apresentava.

Helder aponta que o medo do Brasil como potência foi sendo colocado inclusive nos governos progressistas. E em seu texto faz um diálogo com vários autores, sem chamar para a briga direta, mas rebatendo a ideia de um imperialismo brasileiro, mostrando com números que o caos que se vive hoje é decorrente do processo e, inclusive, aponta alguns motivos para o

golpe de 2016. Afirma que o modelo faliu, foi destroçado e só se afundou mais de lá pra cá. Sobre a dívida, comentou que há uma certa defasagem nos números, mas que desde fevereiro vem se anunciando o risco de uma moratória técnica para pagamento das dívidas. Fala-se em usar a reserva. As reservas não são apenas estoque, elas são usadas para outras coisas, como manter um certo padrão cambial para manter o dólar, por exemplo.

Nesse ponto, Magnólia Said pediu que Helder, a partir de toda a contextualização feita, indicasse como essas questões se colocam no endividamento do Brasil atualmente.

Helder contou que no início do século não se tinha um superavit comercial, só se alcançou isso no governo Lula por circunstâncias internacionais, principalmente com as exigências da China. Uma integração competitiva, e essa integração significa escolher um nicho, para o Brasil é a produção primária. Depois do golpe de 2016 o Brasil seguiu vendendo bastante, o problema é que o déficit foi espetacular. Precisamos entender isso, é parte de um processo de internacionalização.

Na sequência, explicou os gráficos apresentados em seu texto. Comentou que dívida externa que todo mundo fala que o Brasil pagou estava em 228 bilhões em 2001, mas agora está em 620 bilhões. A dívida externa passa por um processo de ampliação da dívida interna, que hoje está em 6,483 bilhões.

Também falou sobre um texto publicado na Revista Piauí com o título *300 de Luxemburgo*. As pessoas estão investindo internacionalmente em imóveis e paraísos fiscais. Há um processo de perda de autonomia onde há um sentimento de incompetência em lidar com o cenário, mas questiona quem não estaria diante dessa situação. E também comentou que não há como se tributar as grandes fortunas se elas não estão no país.

Antes de abrir para o debate, comentou que é com essa elite que pode investir internacionalmente que se está disputando e com a qual algumas Redes próximas ao Jubileu e outros movimentos de esquerda estão querendo fazer alianças com essa elite. Há, portanto, um problema estrutural fantástico no país e que agora esse problema possibilita ideias como a criação de escolas cívicas-militares para controlar ainda mais as pessoas, desde a educação básica.

Com o início dos debates, Dirlene afirmou que vê as análises até 2000 como bem desenvolvidas, mas que as informações apresentadas por Helder, com dados de 2000 para cá, são fantásticas. Abrir a conta desnuda uma série de coisas que não se tinha noção e que precisam fazer parte da compreensão do período, até para poder discutir melhor os governos de esquerda. E comentou que a fala de Helder sobre a taxação das grandes fortunas é muito importante para se repensar a solicitação que está em voga. E questionou se o convidado teria uma sugestão de como seguir. E também pede que fale melhor sobre o entendimento de que o

Superavit Primário acabou em 2013 porque o modelo estrangulou, pois entende que o modelo estava estrangulando em todo o processo e que a crise no Brasil fica transparente e visível entre 2008 e 2010. Gostaria de entender por que Helder afirma que o ano seria 2013.

Magnólia parabenizou Helder pela síntese feita no estudo apresentado, mas gostaria que ele comentasse sobre a perspectiva desse governo atual que está abandonando totalmente a perspectiva multilateralista, mudando para um único parceiro. E Vladimir pediu que ele apontasse quais são as Redes que estariam buscando alianças, conforme ele apontou.

Sandra Quintela comentou que nos diversos espaços onde atuam são consideradas como "hippies" que falam de dívida, afinal as pessoas não veem como um problema o endividamento em moeda nacional quando consideram que o Brasil está precisando disso. Compartilhou ainda que escutou de uma professora de macroeconomia que a crise da dívida na Argentina não teria nenhuma relação com o país, porque o Brasil poderia pagar as dívidas com suas reservas. Perguntou então a Helder, como ele denominaria essa visão hegemônica dos economistas sobre o tema da dívida.

Magnólia complementou questionando ao convidado se as reservas não poderiam ser utilizadas em determinadas situações e se a pandemia não seria um momento para isso.

Retomando a fala para comentar os apontamento e perguntas feitas pelo grupo, Helder afirmou que o modelo econômico já está comprometido há muito tempo, que na reeleição de Fernando Henrique Cardoso em 1998 o Fundo Monetário Internacional (FMI) "socorreu" o governo da mesma foi que agora está fazendo com a Argentina. Isso se conforma em uma crise violenta de décadas, de superprodução de capital e não de consumo. Aponta que o problema não é consumo, mas é queimar o estoque de capital excedente. Ao lado do capital estocado há um montanha de capital especulativo, de apostas para o futuro. Há uma situação complexa no mundo todo, onde a referência que se tem ou é o Neoliberalismo ou o Keynesianismo.

Sobre as redes, comentou que são as que divulgam diariamente as teorias e análises dessas duas correntes. Redes que são "parceiras" e aliadas, redes dos movimentos populares. Sem incluir os partidos políticos, pois entende que eles não avançam em suas análises.

Afirmou que é preciso entender que desde a segunda revolução industrial a forma de organização do capital separou a propriedade da gestão. Dessa maneira, não se teria uma burguesia brasileira proprietária, mas sim gestores internacionais que fazem a gestão de empresas que não são deles. São proprietários de terra, e por isso mesmo não poderia se fazer uma reforma agrária. É um problema estrutural sério, onde se corre inclusive o risco de entrar no embalo do mito "Brasil potência".

Sobre as reservas, contou que o Brasil chegou a ter cerca de 385 bilhões em reservas, mas há um passivo externo de quase 2 trilhões. Passivo externo é um recurso que está aplicado

a curto prazo e quando o capital internacional quiser esse valor é preciso pagar e não há reservas que cubram esse montante. As reservas são a garantia mínima que as agências de classificação de risco exigem. A operação e a natureza dessas reservas é que determinam que elas são "imexíveis". E mesmo quando o PT assumiu o governo, não houve uma moratória da dívida, manteve-se a lógica, a falácia de se manter a taxa de juros elevada para controlar a inflação.

Afirmou que não há saída nos marcos de um país subalterno como o Brasil. É preciso pensar outros marcos. A proposta de Bolsonaro, não é proposta. Ele é um miliciano oportunista que coloca a economia nacional nas mãos de um banqueiro oportunista, que não compreende de macroeconomia. Esse bilateralismo é fruto de uma promessa de investimento de Trump nos negócios da família Bolsonaro. Com as notícias de Ronaldinho querendo trabalhar com cassinos no Paraguai, também se descobriu o envolvimento do filho de Bolsonaro com esse nicho de apostas. Comentou ainda sobre a possível criação de um mercado paralelo de vacinas contra a Covid-19 que segue essa mesma lógica. Ao se possibilitar que empresas comprem vacinas, se está criando um mercado paralelo.

Comentou ainda que não há muito como compreender essa lógica, pois ela destoa do que ele e a Rede defendem, um Estado de Direito. Entende que os contrário a isso estão convocando uma guerra. Quem toma a decisão no mundo quer saber como vão controlar a segurança pessoal individual nos bunkers que estão construindo, é preciso repensar como se responde a isso, não pode ser com o manual keynesiano.

Para encerrar esse bloco, afirmou que planejar ações nesse contexto é a coisa mais difícil que há, muito complexo conseguir aliados. E essa ideia de que é possível identificar uma burguesia nacionalista no Brasil para fazer alianças é um risco.

Rosilene comentou que algumas dessas análises vão de encontro e complementam as análises de conjuntura periódicas que vem sendo feitas pela Rede, como resposta à crise e como construção de um processo eleitoral como solução.

Helder retomou para comentar diretamente à Dirlene sobre as estatísticas do Banco Central, que em suas tabelas especiais trazem a origem e o destino do capital estrangeiro. Ali é possível se observar países e bancos para onde estão sendo enviados esses dinheiros. Não é investimento, é fuga mesmo, evasão de divisas. Reforçou que isso já foi descoberto desde o governo Lula, mas não se mudou a estrutura e tudo se manteve.

Magnólia questionou Helder sobre sua opinião sobre o desgaste do governo Bolsonaro com o setor da burguesia geral e se, nesse cenário, essa burguesia apostaria no Lula nas próximas eleições.

Cosme Vitor comentou que gostaria de entender qual era a classe média que estava junto no momento da criação dos planos.

Rosilene complementou a fala de Magnólia, pois entende que é sobre isso que o Jubileu Sul Américas fala atualmente, sobre o novo ciclo da dívida que é justificado como consequência da pandemia. Contudo, na verdade, é um ciclo agravado por ela e não oriundo exclusivamente desse contexto. E relembrou que naquele dia o governo Bolsonaro teria uma reunião com os EUA para empréstimos sobre a questão do clima.

Sandra comentou que, pensando nas duas últimas semanas, a temperatura contra Bolsonaro teria aumentado, mas as instituições seguiram funcionando normalmente e isso legitima esse governo. O silencio da mídia, só mostra a catástrofe da Covid-19. A mídia esquece e ela é cumplice desse genocídio no país. Lógico que já estão disputando Lula, o manifesto dos "500", a imagem de Ciro Gomes, tudo mostra o quadro de total desorientação que se vê no Brasil hoje. Há uma parcela da esquerda que ficou presa a cargos, que acredita na institucionalidade como se ela fosse em algum momento a defender. É preciso esperar que tudo que se construiu, não só enquanto Jubileu, mas todas as aliadas e parceiras, o movimento social, possa de fato acumular forças e definir outra forma de entender a luta política.

Helder acredita que a fala de Sandra responde um pouco o que Cosme perguntou. Comentou que aconteceu um grande acordo no momento do golpe de 2016 e que vê o governo Bolsonaro como oportunista, viu a brecha e entrou, quando ninguém previa isso. Afirmou que uma das coisas que aprendeu com esse estudo sobre o passado, sobre as heranças, é que o processo violento de acumulação foi mantido e que a corrupção é um instrumento. Porém se percebe que todo mundo está preocupado com os processos de corrupção, eles são o meio com a qual o Estado administra as migalhas do grande capital entre as elites. No momento de se pensar uma cara para o movimento anticorrupção, Bolsonaro se apropria desse discurso e se articula ao lado de uma perspectiva de aliança com Donald Trump e outros governantes.

Retomando a questão de Cosme, Helder apontou que Virginia Fontes tem um texto fantástico intitulado *Sociedade Civil e a conversão mercantil filantrópica* que disserta sobre como a militância formada em cursos de extensão pensados pelos movimentos de esquerda, se converteu em uma série de consultorias para o capital. Um exemplo seria o fenômeno da Vale do Rio Doce com a barragem de Mariana, em pleno governo progressista acontece um fenômeno como esse e ninguém é responsabilizado, cria-se uma fundação que vai contratar a militância, a sociedade civil, que deveria fazer o enfrentamento. Outro exemplo é que no momento da reforma da previdência, o presidente da CUT saiu de uma negociação e disse que foi uma grande vitória dos trabalhadores. O processo de legitimação é muito mais grave, e nesse processos as referências foram perdidas. É preciso reconstruir isso e não é um movimento simples, fácil.

Helder afirmou que a revolução seria construir pensamentos novos e isso não é tarefa de um dia para o outro, ainda mais com uma avalanche de lideranças dizendo que as alianças a quem deveriam se opor, que elas seriam o melhor caminho. Comentou sobre as leituras equivocadas sobre exemplos isolados, como a China, que essas lideranças fazem.

Cosme questionou como, a partir do prisma de cooptação abordado, Helder vê hoje os movimentos populares quando realizam ações de solidariedade ou somente de assistência pontual com a entrega de cestas básicas.

O convidado afirmou que esse trabalho é certo e que ele mesmo o faz, porém precisa ser realizado atrelado a uma discussão com as lideranças urbanas, das favelas. Ponderou que essa situação se configura como um dilema, mas que é preciso pensar como associar isso a um processo educativo que mostre a falência desse modelo de Estado. Comentou que a crise sanitária revelou uma série de crises que não tinham a devida visibilidade e propôs uma reflexão sobre como se poderia aproveitar essa situação em um processo revolucionário, como colocar a revolução no horizonte.

Rosilene agradeceu a participação de Helder e complementou comentando que a questão da fome desnudou uma série de questões. Já sobe para 62 milhões o número de pessoas afetadas pela fome. Reforçou que o Jubileu tem feito esse movimento de apoio com cestas e Equipamentos de Proteção Individual – EPI para enfrentamento a Covid-19, mas associado a um trabalho de base para entender como o país chegou a essa situação. Considera um desafio.

Finalizando sua participação, Helder indicou que assistissem a uma entrevista disponível no *youtube* (link: https://www.youtube.com/watch?v=Vf-kucsObhY&t=17s), com o tema *Autoproteção comunitária na pandemia*. E afirmou que por conta das agenda não integrava oficialmente a Rede JSB, mas que se considera um colaborador.

Conclusões da Avaliação

O período atual provoca a Rede JSB a agir com muita criatividade e perseverança, as situações que dão sentido à ação e existência da Rede estão mais agravadas com o recrudescimento do cotidiano e a precarização das condições dignas de vida. Sendo assim, estabelecer um Planejamento Estratégico que tenha a dupla função de fortalecer a Rede e responder ao contexto é um desafio. O contexto se mantém em alguma medida, porém todos os dias novos elementos se modificam ou são agregados a ele e corroboram para que o trabalho do Jubileu seja necessário, a luta é uma constante. Dessa forma, o processo de planejamento

pressupõe uma leitura rápida dessas mudanças, garantidas pelas análises efetuadas pela Rede mensalmente, e uma flexibilidade em mudar o curso a partir dessa leitura.

Dos encontros realizados especificamente para essa análise de conjuntura podemos ressaltar os seguintes pontos:

- A Rede Jubileu Sul é vista como um grupo articulado e qualificado para realizar análises e intervenções à conjuntura.
- É a partir das diversas resistências nos territórios, urbanos e rurais, articuladas pelas entidades membro e com o apoio em rede que se responderá ao contexto de destruição, desigualdades e violências que se apresenta.
- Os grupos e comunidades organizados criam tecnologias e metodologias para a sobrevivência e para uma crítica radical, a Rede deve dialogar e aprender com esses atores, principalmente as comunidades tradicionais (indígenas, quilombolas, ribeirinhos, entre outras) e as mulheres.
- O ambiente virtual impõe grandes desafios aos movimentos sociais que precisam aprender a como utilizar essa ferramenta para potencializar suas ações e ampliar o alcance de sua mobilização. Contudo, é importante criar e trocar para além das pessoas que já são parte do ciclo da Rede e a favor das pautas defendidas, buscando formas de disseminação e garantia de acesso à internet e democratização da comunicação e de meios tecnológicos, levando em conta que os limites desse mundo virtual estão na mão do grande capital.
- É preciso agir de maneira incisiva contra os racismos, o machismo, as discriminações e violências. A pandemia e o atual governo escancararam essas questões estruturantes da sociedade brasileira. E é preciso desafiarmos a Rede e outros espaços/pessoas a debater o lugar de privilégio histórico dado a branquitude.
- A democracia brasileira segue frágil, as políticas públicas e a garantia de participação popular estão ameaçadas. O país tem uma herança colonialista e ditatorial que se impõe ao cotidiano e que mantém as desigualdades alimentadas pelo modelo capitalista.
- As campanhas de solidariedade não podem ser realizadas sem estarem atreladas a um processo pedagógico, formativo e de mobilização popular para fazer frente às violações de direitos. As lideranças urbanas precisam ser mobilizadas e trazidas para um trabalho de base que evidencie a falência desse modelo de Estado.
- O governo de Jair Bolsonaro se mantém com aquilo que disse combater, a corrupção. Também alimenta o ódio ao diferente, às mulheres, aos negros, aos povos indígenas,

às pessoas LGTBQI+. E algumas das Redes e instituições que compunham a oposição e resistência passaram a considerar alianças com este governo e suas instâncias.

- A esquerda, principalmente sindical e partidária, perdeu suas referências. É preciso estabelecer novos pensamentos a partir das lutas cotidianas, dos territórios e de um projeto popular para o Brasil. Estabelecer estratégias para as eleições de 2022, sem sucumbir a noção de que, a partir de uma mudança do quadro atual, o governo e suas instâncias apoiarão os movimentos populares.
- Há uma guerra psicológica em curso, com grande impacto na vida das pessoas, que causa a paralisia, o entristecimento e o adoecimento de lideranças e militantes. Essa guerra é uma estratégia para minar a transformação social, uma militância de construção coletiva, de desvendamento das desigualdades pela produção de conhecimento, de diálogo e disseminação de ideias.
- Os ciclos da história se repetem em todos os âmbitos, atualmente o quadro de recessão é apenas uma exacerbação de um quadro estrutural com uma intensificação do autoritarismo. Mesmo com governos progressistas e de esquerda não se conseguiu instituir um quadro muito diferente.
- Há uma crença, implantada na população, de que a economia brasileira depende da internacionalização e da privatização. Assim como, na atual pandemia, se enfatiza o discurso de que “o Brasil não pode parar” em detrimento da saúde da população. O governo atual é favorável aos grandes grupos econômicos e se aproveita de diversos acordos para sua manutenção no poder, utilizando para isso a máquina pública, com privatizações, megaempreendimentos, avanço e destruição de áreas de proteção ambiental.
- A dívida pública brasileira, interna e externa, se mantém em pleno crescimento. Mais uma vez se retomou a dificuldade de se dialogar sobre o endividamento a partir das ideias de que a dívida foi paga no governo petista ou por entender que as reservas nacionais seriam suficientes para cobrir o montante contabilizado da dívida, essa segunda seria uma visão compartilhada por muitos economistas neokeynesianos, pois entendem que dívida pública não é um problemas para os investimentos sociais.
- O discurso de que é preciso taxar as grandes fortunas e fazer uma reforma tributária em alguma medida também cai por terra ao se constatar que os valores referentes às grandes fortunas não estão aplicados no Brasil.

Esses pontos apoiarão a Rede nas próximas etapas do Planejamento Estratégico, para orientar a definição de referências e ações.

Análise de conjuntura (2022)

A análise de conjuntura realizada em 2022, na reunião presencial da Coordenação Nacional de Rede JSB contou com a presença de Fábio Luís Barbosa, historiador e professor do curso de Relações Internacionais da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Fábio acompanha a Rede JSB há algum tempo e tem participado como convidado das discussões propostas pelo GT da Dívida, em sua exposição focou na discussão sobre o progressismo e o cenário político atual do Brasil, com destaques para outros países da América Latina. Apresentamos o relatório do evento na sequência.

Momento III

É preciso olhar para a onda progressista na América Latina no início do século XXI e a relação com a onda conservadora dos últimos cinco anos, que no Brasil se expressa através da passagem do governo Lula para o governo Bolsonaro. Análise dada através do campo progressista: de que essa onda conservadora é uma resposta aos avanços no campo dos direitos sociais construída durante a onda progressista.

No entanto, o professor Fábio parte da análise de que é preciso olhar as contradições que fazem parte desses governos progressistas a partir deles mesmos.

Três contradições:

1. POLÍTICA DE CONTENÇÃO: "que acelera" → Contenção aceleracionista. A ideia aqui é que o pano de fundo desses governos é uma crise estrutural capitalista mundial (crise sistêmica), que faz parte de uma tendência que vem desde os anos 60 e segue até os anos 90 se globalizando. Nos anos 90 se tem a ideia de uma "cidadania salarial" que tem um horizonte de um "capitalismo sustentável" e é acompanhado pela corrosão do mundo do trabalho e dos ganhos salariais. Dessa forma, a política aqui é a contenção dessa crise e os governos progressistas aqui eleitos procuraram mitigar os efeitos dessa corrosão. A premissa que aqui orienta é: "O que podemos fazer em um país tão grande quanto o Brasil sem desafiar o capitalismo?" —> Contenção: implica em políticas e dispositivos que termina acelerando essa crise e isso se explica porque as bases da contenção significa você fortalecer atores sociais que aceleram essa crise. Exemplos: governo do Lula onde o Henrique Meireles foi chamado para presidir o banco central, com o contexto da Carta aos Brasileiros, de forma que o Henrique Meireles foi chamado para simbolizar o compromisso do governo com a política econômica ortodoxa e uma tentativa de conter a fuga de

capital que estava ocorrendo na época. O resultado foi um fortalecimento de uma figura política que depois vem como candidato à presidência do PMDB, partido que protagonizou o golpe e criou terreno para a ascensão do Temer (Temer como vice segue essa mesma premissa). Mais um exemplo: o envio de militares para chefiar a MINUSTAH, que sempre deixaram claro que possuíam a intenção de testar equipamentos de alta tecnologia no controle de populações empobrecidas, seguindo mais uma vez o fortalecimento de um ator social maléfico à manutenção dos direitos sociais. Em suma, fortaleceu os bancos, os militares, o PMDB, os evangélicos etc., na ideia da conciliação de classes, o que resultou no avanço descontrolado desses atores corrosivos que se acreditava estarem contidos. Aqui se observa que a concretização do golpe e da onda conservadora no Brasil segue um movimento de metástase política que segue um sentido histórico, e dessa forma o Bolsonarismo se consolida como uma política de aceleração de um movimento que já estava dado.

2. PROGRESSISMO REGRESSIVO → Extrativismo (acumulação por despossessão) está integrado ao reforço dos aspectos coloniais através das estruturas do continente;
3. NEOLIBERALISMO INCLUSIVO: políticas sociais que despeitaram a "razão neoliberal", que é a expansão do neoliberalismo para além do econômico para um modo de vida. O Governo petista se valeu da distribuição do dinheiro através da popularização do crédito, que passava pelo consumo e da monetização em lugar de uma gramática de universalizar direitos. Assim, a articulação entre a popularização do crédito e as políticas sociais, tais quais o bolsa família, fazem parte de uma sociabilidade neoliberal, que são políticas que visam incluir pessoas em uma sociabilidade excludente.

Essas três são chaves para entender por que o governo progressista brasileiro resultou no momento político atual e não em um panorama melhor.

1. Momento atual: A política bolsonarista, que é de aceleração, agora exigirá contenção. É importante olhar para o aspecto de que a política de aceleração em muitos momentos pode ser contraproducente, como por exemplo o Bolsonaro atacar a população chinesa durante a pandemia ao mesmo tempo que o agronegócio depende totalmente desse mercado para exportação;
2. Apoio da elite pela volta do Lula por uma necessidade da retomada da contenção; Ponto: a esperança nos processos eleitorais está colocada em países que não foram governados por governos progressistas.

3. Relação entre o progressismo e a rebelião: incompatibilidade entre progressismo e rebelião: para aqueles países onde o progressismo ainda é uma expectativa, a rebeldia é amenizada. Se a rebelião é uma política do agora, o progressismo é uma política da espera.

Desafio da rebelião: como transformar essa grande recusa em alternativa?

Questões provocadoras:

1. É possível odiar o existente em nome de algo pior? Ex: eleições chilenas.
2. Como derrotar o bolsonarismo? Criação de novas formas sociais → laboratórios sociais presentes nos territórios.

Conclusão: a conjuntura eleitoral pede que se entenda que o que está proposto no campo progressista é uma política de contenção.

Intervenções:

- Magnólia Said: Enxerga na eleição presidencial a possibilidade da última oportunidade de organizar a produção de pensamento coletivo. Considerando que há a forte possibilidade de um golpe pós eleições, o que estamos esperando para fazer um plebiscito sobre a venda da Eletrobrás?

  Ressaltou a necessidade central da inclusão das populações quilombolas e indígenas no programa de governo.

  Levanta também o ponto da possibilidade da instauração de uma nova ditadura apontando que precisamos pensar o que significa um ano eleitoral enquanto Jubileu Sul Brasil.
- Célio: Precisamos fortalecer a dialética.
- Guillermo: O Chile vira uma tremenda frustração. Temos uma fissura estrutural do sistema dólar-dólar. Os EUA, perdendo a guerra na Ucrânia, depois de perder várias outras, necessariamente virá para cá (América Latina). É importante refletir em uma cultura fora do sistema SWIFT, sistema dólar.
- Raimunda: Cantamos que a nossa história já começou desumana. Gostaria de entender mais a gramática neoliberal e a perspectiva da juventude nesse contexto.
- Vladimir: Tem parte da esquerda que tenta suprimir o processo do pensamento crítico.
- Talita: Em ambos os cenários (contenção e aceleração) se agudiza a luta de classes. O golpe está sendo construído à luz do dia pelo bolsonarismo. Como pensamos de forma tática a nossa luta? Florestan Fernandes defendia que o partido político tinha que ter o braço institucional e o braço na luta popular. No pior cenário, não temos capacidade de

organização. Tem milícias se organizando. Como vamos nos organizar para a disputa da classe trabalhadora?

- Aline: As elites atuais são as releituras das antigas. Precisamos ter uma atenção melhor no que olhar, no que colocamos forças. Estamos em um país com mais de 500 anos de escravidão, eles e elas apresentam todos os dias novas formas de se organizar, os povos indígenas seguem se reinventando. Vamos beber nas comunidades territoriais. Precisamos fazer um caminho de volta.
- Sandra: Peru, Chile e Colômbia estão na antessala do progressismo? Em 2013 não era só a direita na rua.
- Marcela: Se não é o desenvolvimento, é o que? É o envolvimento e a união das pessoas. Somos a maioria mas é sempre a minoria que está representada.
- Claudia Favaro: Lula pagou a dívida ao FMI. A auditoria da dívida passou no parlamento e foi cancelada na caneta. O governo progressista não teve o A Dilma foi derrubada por um golpe e porque não conseguimos tirar o Bolsonaro? Isso é o boicote de nós por nós mesmos. Não se fala mais de socialismo, nos falta horizonte estratégico. A nossa luta é anti-imperialista. Aqui estão as pessoas que nunca abandonaram o trabalho de base.
- Josilene: Qual o papel dos meios de comunicação?
- Tatiana: A democracia nunca chegou na periferia. O movimento negro vem denunciando há muito tempo o genocídio do povo preto. A classe trabalhadora não vai para rua porque é morta. A classe trabalhadora quer que a filha saia da comunidade, saia da periferia. O que o povo hoje quer é o pouco que ele teve no governo Lula. Acho que temos que radicalizar, mas precisamos pensar estratégias e articulações para questionar o sistema. O problema não é quem a gente elege, mas o que vem depois. Temos uma esquerda pautada e estruturada no machismo, racismo.
- Marcelo: O Bolsonaro representava o pensamento de grande parte da população brasileira. É responsabilidade nossa não termos uma alternativa para eleição.
- Karla: Estamos em uma democracia burguesa e é muito bom ter um espaço de esquerda para fazer crítica aos governos do PT.
- Alessandra: O discernimento de votar ou não em Lula tem que vir sem culpa. Onde você coloca o seu esperançar?

Fala final de Fábio:

Alerta sobre a necessidade de não deixar o pânico congelar o pensamento. Ressaltou a necessidade de olhar para outros países em busca de alternativas progressistas. Finaliza colocando a capacidade de transformação nas mulheres, no povo negro e na coletividade.

Bases para construção do Planejamento Estratégico

Nesse item, serão apresentadas todas as questões e proposituras levantadas no processo de construção do Planejamento que não foram elencadas no corpo do documento final, mas que foram essenciais para se chegar ao resultado desse trajeto iniciado ainda em 2020.

Para a **análise e definição de horizontes, diretrizes e referências da Rede JSB**, as integrantes da Rede foram provocadas a refletir sobre as seguintes questões?

- A – Que princípios/valores nos animam a prosseguir? Que objetivos/resultados a alcançar? Que temas e prioridades nos movem? - Missão e Visão da Rede; Princípios/valores nos animam a prosseguir.
- B – Com quais tecnologias e ferramentas contamos? Como trabalhar o protagonismo dos territórios, principalmente das mulheres e jovens? - Formas de organização/dinâmica de funcionamento da Rede.
- C – A quem queremos/devemos incomodar? Como incomodar? Que capacidades precisaremos para gerar esse(s) incômodo(s)? Que atrizes/atores nos interessam atrair? Como construir essas alianças? - Eixos/linhas de atuação.

As respostas foram sistematizadas e são apresentadas na sequência.

> **Parcerias e Alianças – com quem iremos trabalhar?**

Utilizando uma ferramenta de elaboração de mapas mentais *online*, as participantes foram convidada a fazer uma lista de nossas parceiras e aliadas. Foi orientado que se localizasse espacialmente no mapa as parcerias e alianças mais próximas ou aquelas com as quais há conexão, mas não se estabelece um trabalho articulado.

Consideramos parceiras as organizações, articulações ou redes com as quais há um trabalho contínuo, com maior engajamento. E aliadas seriam as que atuam no mesmo tema, por exemplo. Por se tratar de uma mapa coletivo foi possível uma interação para alterar as posições e adicionar novos nomes, bem como sugerir exclusões.

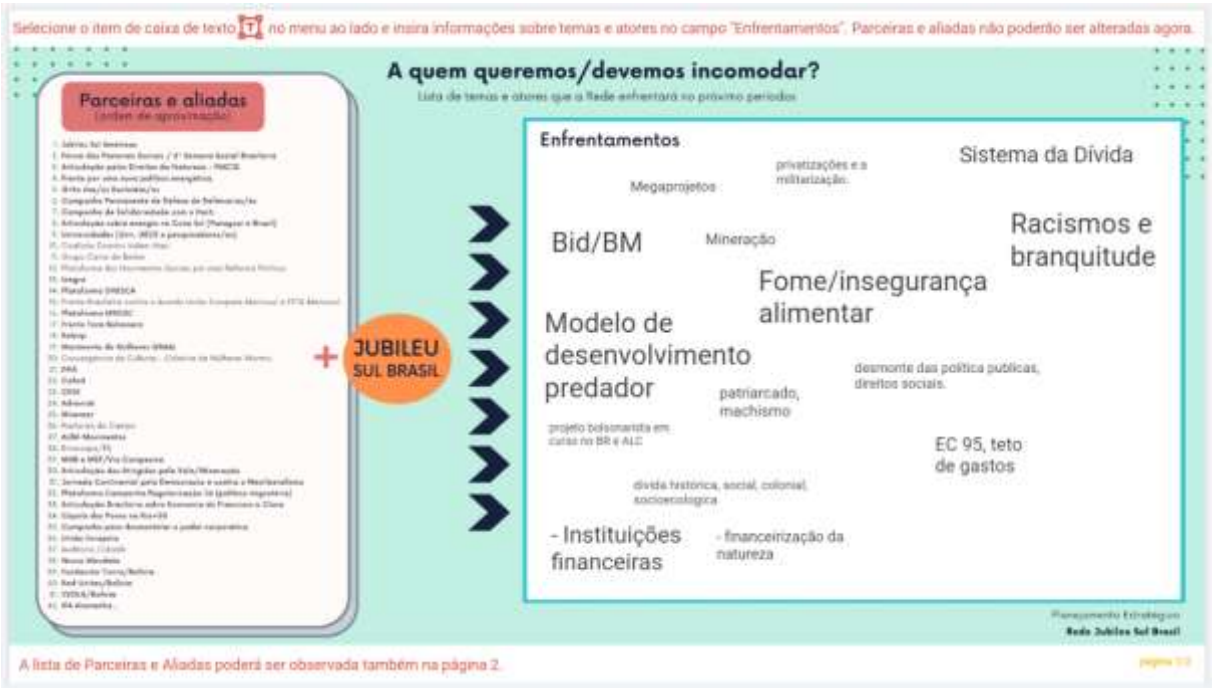
Abaixo, o mapa elaborado a partir da dinâmica proposta.

> **A quem queremos/devemos incomodar?**

Utilizando um mural virtual foi solicitado que, após o esforço de elaboração da lista de parceiras e aliadas, se elencasse os temas e atores que a Rede enfrentará no próximo período. Foram indicados o seguinte itens:

- Megaprojetos;
- Privatizações e a militarização;
- Sistema da Dívida;
- BID/BM;
- Mineração;
- Fome/Insegurança Alimentar;
- Racismos e branquitude;
- Modelo de desenvolvimento predador;
- Patriarcado/Machismo;
- Desmonte das políticas públicas, direitos sociais;
- Projeto bolsonarista em curso no BR e ALC;
- Dívida histórica, social, colonial e socioecológica;

- EC95, teto de gastos;
- Instituições financeiras;
- Financeirização da natureza.



> **Que princípios/valores nos animam a prosseguir?**

Para responder a essa questão foram indicados o seguinte itens:

- Emancipação humana;
- Solidariedade;
- Radicalidade;
- Cuidado;
- Justiça social;
- Credibilidade;
- Transparência;
- Representatividade;
- Mística;
- Resistência;
- Equidade;
- Feminismos;
- Ética;
- Defesa da vida das mulheres;
- Identidade latino-americana;
- Liberdade;
- Bem viver;
- Trabalho de base;
- Educação e Comunicação popular e feminista;
- Valorização das mulheres e comunidades tradicionais e indígenas.
- Resgate da soberania popular nos territórios;

- Fortalecimento de coletivos;
- Atuação e participação das mulheres para transformação do local onde vivem;
- Esperançar e atuar de maneira coletiva para um mundo justo, solidário e fraterno;
- Promoção e garantia de uma vida digna para todas/os/es;
- Luta contra os fundamentalismos;
- Compromisso com a luta;
- Coerência na conjuntura;
- Autonomia coletiva no planejamento e implementação de políticas públicas;
- Combate ao arbítrio das grandes empresas e grupos financeiros sobre o orçamento público nacional;
- Sonhar e construir um mundo melhor por meio da luta popular;
- Lutas anticapitalistas e incidência em centros de poder;
- Articulação e mobilização internacional das lutas por direitos;
- Compromisso com um novo modelo econômico e político;
- Formação, articulação e propagação da soberania nacional.
- Fomentar ações organizadas a fim de construir um novo projeto de sociedade.

A sistematização final foi apresentada no início desse documento.

> **Que objetivos/resultados a alcançar?**

Nesse campo, as participantes elencaram os seguintes objetivos:

- Ampliar a rede de reflexões e ações em torno da problemática do uso dos recursos públicos;
- Fortalecer os protagonismos e a participação das mulheres;
- Promover o bem viver;
- Ampliar o debate e as conquistas no campo da justiça social, anulação das dívidas, reparações das dívidas históricas;
- Desenvolver processos de formação integral com as mulheres;
- Construir estratégias de proteção e valorização da vida das mulheres nos territórios;
- Possibilitar processos de gestão compartilhada e inclusivas;
- Manter ações de incidência locais, nacionais e internacional, em rede;
- Formar e colaborar para a construção de um debate público popular sobre nossos direitos e contra o capital.
- Tornar o tema da dívida pública e das dívidas sociais mais populares.
- Fortalecer e mobilizar grupos, pessoas, organizações para atuarem nas lutas locais, sobre a relação da dívida, meio ambiente, empobrecimento da população para a defesa e promoção por direitos básicos de saúde, alimentação, moradia, trabalho, renda e participação popular, denunciar as injustiças e desigualdades e exclusão miséria e exclusão, fome e os males causados por este sistema neoliberal, solidariedade aos povos e internacional, passando pelo recorte racial e de gênero;
- Fortalecer diversos espaços de articulação nacional, dentre eles a 6ª SSB.

E os seguintes resultados:

- Consolidada articulação com outros países AL e Caribe;
- Mulheres com maior independência em relação aos seus parceiros;

- Redes e organizações envolvidas nas ações da Rede fortalecidas e conquistando maior mobilização social;
- Megaprojetos a serviço do grande capital interrompidos;
- Territórios camponeses, indígenas e quilombolas protegidos, com estímulo para sua ampliação;
- Emenda constitucional "Teto de gastos" suprimida;
- Dívida Pública suspensa/auditada, considerando processos de articulação internacional pelo seu cancelamento;
- Lutas fortalecidas nos territórios onde a Rede Jubileu Sul erradia seus princípios e valores em defesa vida digna;
- Incidência realizada em todos os aspectos que atravessam as ações da Rede (econômicos, social, político e cultural);
- Espaços democráticos, de construção de alternativas, espaços de diálogo e troca de experiências fortalecidos através dos saberes locais e da educação popular;
- Iniciativas de transformação das realidades desiguais implementadas por meio da ação da Rede JSB;
- Comunidades excluídas dos direitos básicos mobilizadas para adesão e participação nas etapas de formação e mobilização social, especialmente pelo direito à vacina, ao auxílio emergencial, alimentação, moradia, terra, teto, trabalho, renda, participação popular e Fora Bolsonaro;
- Justiça socioeconômica e ambiental assegurada;
- Direito à informação garantido para todas as pessoas;
- Sociedade mobilizada e atuante para garantia de equidade racial e de gênero;
- Empoderamento de mulheres e comunidades, com recorte de gênero e raça, contribui para incidência política, para autonomia econômica e para acabar com o racismo;
- Todas as formas de violência contra as mulheres superadas.

A sistematização final foi apresentada no início desse documento.

> **Que temas e prioridades nos movem?**

Nesse item é possível visualizar que há sobreposição entre temas e prioridades da Rede JSB e de cada organização que a integra. Essa análise se dá a partir da compreensão de que alguns temas não são trabalhados pelo conjunto da Rede, mas são base da ação de alguns de seus membros. Abaixo são apresentados os elementos indicados pelas participantes, considerando esse ponto de maior proximidade com uma ação em rede.

- Dívida pública;
- Vinculação da dinâmica da dívida com as violações concretas, em especial a partir da ótica socioambiental;
- Luta contra dívida financeira, social, ecológica, histórica e cultural;
- Transparência e cancelamento das dívidas internas e externas dos países da América Latina;
- Defesa de direitos, sobretudo das mulheres e das comunidades tradicionais;

- Justiça socioecológica;
- Luta contra o capital e as estruturas de poder que promovem a financeirização da vida, com destaque para os megaprojetos;
- Modelo de desenvolvimento;
- Luta contra os racismos;
- Feminismos comunitários;
- Equidade racial e de gênero;
- Garantia de efetivação de direitos humanos;
- Educação popular;
- Defesa da democracia e da autodeterminação dos povos;
- Direito a vida, a educação, a economia e a segurança;
- Direitos adquiridos pelas mulheres;
- Militarização;
- Reverter a financeirização do Estado e da natureza;
- Direito à terra e território;
- Combate às violências;
- Respeito aos povos tradicionais/originários;
- Proteção e defesa do meio ambiente;
- Fortalecimento e formação de coalizões populares e territoriais.
- Implementação de projetos de transformação em realidades locais;
- Empoderamento e protagonismos das mulheres;
- Economia popular e alternativa;
- Segurança alimentar e nutricional;
- Solidariedade internacional;
- Mudanças climáticas;
- Direito à moradia;
- Organização das ocupações urbanas;
- Saúde integral das mulheres;
- Migrações;
- Direitos sexuais e reprodutivos;
- Saúde comunitária.

Plano de Ação Plurianual (2022 – 2025)

Conforme indicado na apresentação deste documento, para a listagem de ações prioritárias para o próximo período foi utilizado o Plano de Ação da Rede JSB definido em 2021 – em preto, o Plano de Ação elaborado pela Coletiva de Mulheres da Rede JSB – em verde, o Plano da Comunicação para 2022 – em azul, as ações do PE 2016-2020 já foram realizadas integralmente ou tiveram seu prazo superado, sem necessidade ou possibilidade de realização posterior, ou estão contempladas nas ações previstas pelo Plano de Ação da Rede JSB 2021. Esta lista não inclui atividades previstas nos projetos Fortalecimento e Protagonismo, financiados pela União Europeia, executados em conjunto com a Red Jubileo Sur / Américas. As atividades foram agrupadas por tipo, uma atividade poderá estar vinculada a mais de um eixo de trabalho a depender de seu público e temáticas.

As atividades definidas na reunião de Planejamento presencial, em maio de 2022, quando não estiverem contempladas nesse quadro, ainda precisam de definição de metodologia e prazos por parte da Coordenação Nacional.

Atividade	Ano de execução			
	2022	2023	2024	2025
Publicação e/ou disseminação de materiais				
1. Revista *A Dívida Pública e o Impacto na vida das mulheres.*	X	X	X	X
2. Cartilha *Metodologias no trabalho com as mulheres – perspectivas feminista e antirracista*	X	X	X	X
3. *Manual de Orientação para Educadoras que lidam com situações de Violência Doméstica.*	X	X	X	X
4. Série de cartilhas *Sinergia Popular* (Direito à Cidade, Mulheres e Dívida Social), considerando nova tiragem das já publicadas e incorporação das experiências locais dos novos territórios.	X	X	X	
5. Cartilha *Religião e Política.*	X	X	X	
6. Revista *Sinergia Popular* 2021 (Direito à terra, à moradia e à cidade). Aqui temos uma que fica pronta agora e teremos outra no final da ação sinergia em 2023	X	X	X	
7. Protocolos/manuais para ação frente a violência de gênero, aos racismos e ameaças a defensoras e defensores.	X	X	X	
8. Cartilha *Economia Feminista e Solidária e Comércio Justo.*		X	X	X
9. Cartilha sobre orçamento participativo e políticas públicas.	X			
10. Cartilha sobre eleições e processo eleitoral.			X	
11. Atualização do estudo de Base – Sinergia/IFA	X			
12. Publicação 200 anos de (in)dependência.	X			

Atividade	Ano de execução			
	2022	2023	2024	2025
13. Publicação de Guia sobre Dívidas Sociais para comunicadores(as) e jornalistas.	X			
14. Publicação Impactos do BID na América Latina e Caribe.	X			
Formação				
15. Cirandas de formação sobre Endividamento e o impacto na vida das mulheres para as organizações da Rede, com grupos mistos e em outros espaços onde a Rede esteja articulada.	X	X	X	
16. Oficinas de formação para mulheres em estratégias de comunicação e uso das tecnologias de informação e comunicação (TIC) – produção de conteúdo, materiais audiovisuais/gráficos e assessoria de imprensa.	X	X	X	X
17. Cirandinhas de formação (temas: Crianças e direitos; Cidade de criança; Criança e moradia etc.)	X	X	X	X
18. Curso de formação para grupos produtivos em módulos (autogestão comunitária e uso sustentável dos recursos; produção e precificação; Economia Feminista e Solidária, Comércio Justo e relações com o Mercado; Fundos de Reserva Solidários e Fundos Rotativos).	X	X	X	X
19. Oficinas de Cartografia Social em territórios acompanhados que ainda não desenvolveram esse trabalho	X	X	X	
20. Curso popular a distância sobre economia política.	X	X	X	X
21. Cirandas de formação nos territórios em dívida, economia e política na vida das mulheres.	X			
22. Programa de Formação sobre direito à moradia	X	X		
23. Curso popular a distância sobre violência contra a mulher (violência doméstica, feminicídio, namoro abusivo e violência patrimonial).		X		X
24. Cirandas de formação em Direitos, Justiça Socioecológica e participação social, com foco nas juventudes.		X		
25. Oficina de formação sobre conflitos territoriais – estratégias de resistência e linguagem jurídica.		X		
26. Cirandas de formação sobre Processos Eleitorais (Estruturas e hierarquias, funcionamento das Câmaras e Assembleias Legislativas; relação com movimentos e partidos; perfil de candidaturas e regramento eleitoral).			X	
27. Curso Luta de Classes e Dívida.	X			
28. Promover espaços formativos para a equipe da Secretaria Executiva, com destaque para a equipe de comunicação.	X	X	X	X
Eventos				
29. Conferência Internacional sobre Soberania Financeira (dívidas, bens comuns e dominação).	X			
30. Ciclos de debates virtual - Trio de conversas:				
a. Feminismos e territórios – relatos e trocas sobre experiências de resistência e incidência política.	X			

Atividade	Ano de execução			
	2022	2023	2024	2025
b. Estratégias territoriais para direito à cidade e participação política.	X			
c. Racismos— diálogos sobre resistências, lutas identitárias e atravessamentos com a justiça socioecológica.	X			
d. Feminismos, violência de gênero e direitos.		X		
e. Masculinidades e territórios – relatos e trocas sobre masculinidades, machismo e relações de gênero.		X		
f. Políticas públicas e empobrecimento – incidência junto aos Legislativos e Executivo.		X		
g. Povos originários e justiça socioecológica – experiências de consolidação da identidade e as lutas em defesa dos bens da natureza.			X	
31. Seminários temáticos:				
a. Participação social e políticas públicas – Defesa e proteção de defensoras/es e incidência nos parlamentos.	X			
b. Endividamento e o impacto na vida das mulheres.		X		
32. Intercâmbios (local, nacional e internacional):				
a. Saberes tradicionais, agroecologia e práticas de resistência.	X			
b. Gestão de iniciativas de base comunitária.		X		
33. Rodas de conversa:				
a. 8 de março – definindo agendas e articulações.	X	X	X	X
b. Impacto da dívida na vida das mulheres.	X	X	X	
c. Dívida, Tratados de Livre Comércio e acordos internacionais.	X			
d. Práticas de organização, geração de renda e incidência política.		X		
e. Megaprojetos e territórios.			X	
34. Encontro Nacional Direito à Cidade, Mulheres e Dívida Social.		X		
35. Encontro Nacional de Comitês Locais Sinergia Popular.			X	
Comunicação				
36. Elaboração de Plano Estratégico e Planos Anuais de Comunicação.	X	X	X	X
37. Articulação com comunicadoras/es da Rede para intercâmbio entre as equipes.	X	X	X	X
38. Ações de visibilidade da Coletiva de Mulheres (matérias, notícias, entrevistas, vídeos e demais postagens).	X	X	X	
39. Campanha Justiça Socioecológica.	X	X		
40. Núcleos de Comunicação Popular nos territórios (projetos de fortalecimento territorial).	X	X	X	
41. Atividades territoriais de produção de conteúdo audiovisuais.	X	X	X	
42. Apoio às Campanha de sensibilização pelo fim da violência de gênero, com ações específicas com homens.	X	X	X	
43. Campanha de defesa de defensoras e defensores.	X	X	X	X

Atividade	Ano de execução			
	2022	2023	2024	2025
44. Boletim informativo a partir dos Núcleos de Comunicação Popular (Ex: *Jornal Delas*).	X	X	X	
45. Reportagens para disseminação de saberes tradicionais e práticas de resistência.	X	X	X	
46. Curta-documentário coletivo – Feminismos e territórios: saberes e lutas.			X	
47. Podcast *Mulheres e Dívida*.	X	X	X	X
48. Podcast *Sinergia Popular* (direito à cidade, dívida social e mulheres).	X	X	X	
49. Série audiovisual *Mulheres e Dívida* (moradia, violência patrimonial e outros temas).	X	X	X	
50. Curta-Documentário – Direito à cidade, Mulheres e Dívida Social.			X	
51. Sessão de cards e notícias para indicação de publicações da Rede e de parceiras/aliadas sobre Mulheres e Dívida.	X	X	X	X
52. Produção de materiais impressos e digitais sobre a Rede e suas ações, individuais e unificadas.	X	X	X	X
53. Atualização do site institucional e hotsites.	X	X	X	X
54. Encontro com estudantes de comunicação, comunicadores(as) populares e jornalistas para abordar os temas dívida pública e dívidas sociais.	X			
55. Realização da primeira temporada do programa "Economia Fora do Eixo".	X			
56. Assessoria de Impressa: • Releases; • Reportagens e entrevistas; • Relacionamento com profissionais de diversos veículos de comunicação.	X	X	X	X
57. Produção de conteúdo a partir da equipe de comunicação da Rede JSB alocada na Secretaria Executiva: • Cobertura jornalística; • Redes sociais; • Áudio - *podcasts*; • Imagem e vídeo; • Campanhas; • Divulgação e visibilidade.	X	X	X	X
58. Social Media: • Produção do plano de mídias; • Postagem de conteúdos programados; • Produção de textos para publicações programadas; • Monitoramento e gestão de publicações; • Produção de relatórios mensais sobre o fluxo das redes.	X	X	X	X
59. Publicações impressas e digitais:	X	X	X	X

Atividade	Ano de execução			
	2022	2023	2024	2025
• Criação de conteúdos; • Organização de conteúdos; • Criação de projetos gráficos e editoriais; • Gestão de produção e impressão; • Avaliação e acompanhamento de orçamentos de produção e impressão.				
60. Produção de materiais institucionais/designer: • Criação gráfica; • Avaliação e acompanhamento de orçamentos de produção; • Gestão de produção.	X	X	X	X
61. Produção de materiais relacionados as diversas articulações da Rede, com foco em: • Articulação do Grito dos/as Excluídos/as; • 6ª Semana Social Brasileira; • Articulação das Pastorais do Campo.	X	X	X	X
62. Produção de materiais relacionados aos diversos eventos, com foco em: • Eventos internos da Rede e de suas organizações membro; • Eventos das parceiras e aliadas; • Trabalhar as etapas de pré-organização, divulgação e cobertura jornalística, operativo/apoio técnico e registros e divulgação de resultados.	X	X	X	X
63. Produção de relatórios, registro de evidências das atividades da Rede e manutenção de acervo.	X	X	X	X
64. Visibilizar ações das organizações membro da Rede nos processos territoriais em defesa de direitos.	X	X	X	X
65. Envio de *email marketing*, *newsletter* e boletins para distribuição de conteúdo e divulgação das ações.	X	X	X	X
66. Produção de relatório anual da Rede – portfólio.	X	X	X	X
67. Garantir animação e funcionamento do GT de Comunicação Integrada da Rede JSB.	X	X	X	X
68. Mobilização permanente para os temas centrais da Rede JSB.	X	X	X	X
69. Atualização do Manual de uso da marca da Rede JSB.	X	X	X	X
70. Estabelecer a Política de Comunicação, LGPD da Rede e Política de privacidade do *site* da Rede JSB.	X	X	X	X
71. Gestão dos canais de contato da Rede JSB: redes sociais, plataformas de comunicação e *emails*.	X	X	X	X
Atividades produtivas e espaços de integração				
72. *Quintais da Esperança* (ação direta e projetos de fortalecimento territorial).	X	X	X	

Atividade	Ano de execução			
	2022	2023	2024	2025
73. Apoio ao desenvolvimento e/ou consolidação de atividades econômicas colaborativas/grupos produtivos comunitários (ação direta e projetos de fortalecimento territorial).	X	X	X	
74. Assessoria técnica aos grupos produtivos comunitários para construção de instrumentos de autogestão e de projetos econômicos sustentáveis.	X	X	X	
75. Espaços de cuidado e manuseio de ervas.	X	X	X	
76. Grupos de apoio e atendimento psicossocial.	X	X	X	
77. Iniciativas de geração de renda nas áreas de ocupação.		X		
Incidência e articulação				
78. Articulação com Movimentos de Mulheres Negras para ampliar a participação do Jubileu na luta antirracista e no debate sobre branquitude e racismo.	X	X	X	X
79. Participação ativa no 8M, Abril Vermelho, 25J e 16 dias de ativismo.	X	X	X	X
80. Promover um debate com as candidatas eleitas (vereadoras, estadual ou federal) a cada pleito sobre as necessidades de política para as mulheres, com definição de uma carta compromissos com a luta das mulheres.	X	X	X	X
81. Ações de incidência (reuniões e audiências) com governos e parlamentares em âmbito nacional e internacional.	X	X	X	X
82. Incidência nas casas legislativas e acompanhamento a mandatos diversos.	X	X	X	X
83. Participação das mulheres na Mobilização pela revogação do teto de gastos (EC 95).	X	X		
84. Articulação com novas organizações, movimentos, redes e parceiras diversas no Cone Sul.	X	X	X	X
85. Participação das mulheres na Articulação sobre Tratado de Livre Comércio entre União Europeia e Mercosul.	X	X		
86. Participação nas ações da 6ª Semana Social Brasileira, considerando articulação com movimentos populares do campo e da cidade e com as pastorais sociais.	X	X	X	X
87. Promover ações relacionadas ao tema das IFI, principalmente o BID.	X	X	X	X
88. Audiências públicas/Mesas de diálogo com instituições públicas e sociedade civil sobre financiamento público, igualdade de gênero; direito à cidade e moradia.	X	X	X	X
89. Incentivo a formação de Comitês Locais de diálogos com o Poder Público.	X	X	X	
90. Incentivo ao lançamento de candidaturas a partir dos territórios.	X		X	
91. Incentivo e apoio à participação em atividades de outras redes e articulações.	X	X	X	X
92. Ações de Solidariedade nos territórios (arrecadação de cestas, distribuição de panfletos...).	X	X		
93. Comitês Locais *Sinergia Popular*.	X	X	X	

Atividade	Ano de execução			
	2022	2023	2024	2025
94. Apoio às denúncias de conflitos nos territórios.	X	X	X	X
95. Planos de Ação para os territórios e mapeamento das ações de incidência.	X	X	X	X
96. Apoio à execução de planos de resposta aos impactos gerados pelos conflitos urbanos.	X	X		
97. Assessoria jurídica e de mediação às áreas de ocupação.	X	X		
98. Ações de fortalecimento da organização das mulheres.	X	X	X	X
99. Ações de incidência sobre dívida pública e orçamento público	X	X	X	X
100. Qualificar presença na articulação do Grito das/os Excluídas/os.	X	X	X	X
101. Qualificar presença na articulação da Carta de Belém.	X	X	X	X
102. Qualificar presença na articulação da Plataforma Dhesca.	X	X	X	X
103. Qualificar presença na articulação da Plataforma de Reforma Política.	X	X	X	X
104. Qualificar presença na articulação da Frente por uma Nova Política Energética.	X	X	X	X
105. Qualificar presença na articulação do FMCJS.	X	X	X	X
106. Qualificar presença na articulação da Jornada Continental pela Democracia e contra o Neoliberalismo.	X	X	X	X
107. Qualificar presença na articulação da Campanha para desmantelar o poder corporativo.	X	X	X	X
108. Qualificar presença na articulação da Articulação dos Atingidos pela Vale/Mineração.	X	X	X	X
109. Qualificar presença na articulação da Articulação sobre TLCs – UE x Mercosul.	X	X	X	X
110. Qualificar presença na articulação da Articulação Brasileira sobre Economia de Francisco e Clara.	X	X	X	X
111. Ampliar articulação com a comunicação do Jubileu Sul/Américas e das organizações membro.	X	X	X	X
112. Articulação com a 6ª Semana Social Brasileira e o Grito dos/as Excluídos/as para pautar a opinião pública com uma visão crítica da celebração dos 200 anos da Independência do Brasil.	X			

Mapa de recursos – mobilização e gestão

Atualmente a Rede possui os seguintes financiamentos:

- União Europeia – Projeto Fortalecimento (*Fortalecimiento de la Red Jubileo Sur / Américas en el logro del desarrollo y de la soberanía de los pueblos latinoamericanos y* caribeños – 2018 a 2022 – 4ª transferência 628.000,00 euros / contrapartida a mobilizar ou comprovar 1.223.525,58) e Projeto Protagonismo (*Protagonismo de la sociedad civil en las políticas macroeconómicas* – 2019 a 2022 – a prestar contas 628.542,49 euros / saldo em dez. 2021 de 120.164,35 / 3ª transferência 216.671,43) - ambos como suporte Jurídico para a JS/A.
- Institut für Auslandsbeziehungen (IFA - Alemanha) – Projeto Sinergia Popular (*Synergy to prevent and mediate urban conflicts in Brazil* – 2022 a 2023 – 529.535,80 euros para 2022 e 512.832,25 euros para 2023 / contrapartida de 744.310,30 reais em 2022 e 734.786,04 reais em 2023).
- Catholic Agency for Overseas Development (Cafod - Reino Unido) – Mulheres em Defesa dos Direitos Sociais (2022 – 31.266,66 dólares).
  Dreikönigsaktion, Hilfswerk der Katholischen Jungschar (DKA - Áustria) – Coletiva de Mulheres: Resistência e Defesa de direitos (2022-2024 – 17.748,00 euros para 2022 / estimativa de 19.904,35 euros para 2023 e 19.325,32 euros para 2024).

Estão em análise ou negociação propostas com as seguintes financiadoras:

- Fundação Ford
- Misereor (via Pastorais Sociais)
- Fundo SAGE
- Fundo Co-impacto
- LEF

Em 2021 e 2022, também foram elaboradas propostas não aprovadas ou que não foram submetidas para as seguintes instituições:

- Fondo Mujeres del Sul – não aprovada
- PPM – não apresentada
- Adveniat – não aprovada
- Fundo Países Baixos – não aprovada
- HBoll – não apresentada

Atuais integrantes do Instituto Rede Jubileu Sul Brasil

Quadro contendo a indicação de composição da equipe técnica, de gestão e diretoria.

Nome ou um pseudônimo	Função/cargo atual	Email	Ano de entrada
1. Karina da Silva Pereira	Diretora Presidenta - voluntária	karinadasilvapereira@hotmail.com	2002
2. Igor Ribeiro Ferrer	Diretor Secretário - voluntário	juridico@caritas.org.br	2018
3. Mônica Helena de Andrade Fidelis	Diretora Tesoureira - voluntária	monicahelenafidelis@gmail.com / pastoral.operaria.nacional@gmail.com	2012
4. Maria Dirlene Trindade Marques	Conselho Fiscal - voluntária	dirlenetmarques@gmail.com	2000
5. Joilson José Costa	Conselho Fiscal - voluntário	joilson.costa@yahoo.com.br	2002
6. Cláudia Favaro	Conselho Fiscal - voluntária	clau.arqt2@gmail.com	2013
7. Talita de Oliveira Guimarães	Conselho Fiscal - Suplente - voluntária	talita.guimaraes@sefras.org.br	2020
8. Rosilene Wansetto	Secretária Executiva e Coordenação Administrativa (participa da diretoria)	secretaria@jubileusul.org.br	2001
9. Andreia do Nascimento Pereira	Assistente Administradora	adm@jubileusul.org.br	2019
10. Lucimeire Araújo de Souza Paludette	Assistente financeira	financeiro@jubileusul.org.br	2002
11. Raíssa Lazarini	Assistente de projetos	projetos@jubileusul.org.br	2020
12. Leticia Graça Generoso Pereira	Assistente de projetos	assistenteprojetos@jubileusul.org.br	2022
13. Jucelene Rocha	Coordenadora de Comunicação	comunicacao@jubileusul.org.br	2021
14. Flaviana Serafim Vieira	Assistente de Comunicação	redacao@jubileusul.org.br	2020
15. Marcos Vinicius Santos	Estagiário de Comunicação	msvinicius1994@gmail.com	2020
16. José Bruno Araújo Lima	Designer Gráfico e Mídias Sociais	brunolimace@gmail.com	2022
17. Natasha Holanda Cruz	Assessoria em Comunicação Digital	natashaholanda@gmail.com	2022
18. Francisco Vladimir	Articulador Regional Cone Sul JS/A	articuladorconesul@jubileusul.org.br	2002
19. Sandra Quintela	Articuladora Nacional JSB	sandra.jubileosur@gmail.com	1998
20. Magnólia Azevedo Said	Assessoria Técnica (CE)	said.magnolia@gmail.com	2006
21. Josilene Nascimento Passos	Assessoria Técnica (BA)	enelisoj@gmail.com / josilene@caritas.org.br	2022

Nome ou um pseudônimo	Função/cargo atual	Email	Ano de entrada
22.Alessandra Miranda de Souza	Assessoria Técnica (Nacional responsável por acompanhar AM, RS e MG)	semanasocialbrasileira@cnbb.org.br	2021
23. Jamile Tabbal Mallet	Assessoria Técnica (RS)	jamile_mallet@hotmail.com	2022
24. Marcelo Braga Edmundo	Assessoria Técnica (Nacional, responsável por acompanhar RJ e BA)	cangoma@gmail.com	2021
25. Francisca Antônia Ferreira	Articuladora Local (CE)	franenzinha@gmail.com	2021
26. Maria Raimunda da Silva Oliveira	Articuladora Local (BA)	rainoma123@hotmail.com	2022
27. Marcela Vieira Gonçalves	Articuladora Local (AM)	marcelavieira.am@gmail.com / jubileusinergia.am@gmail.com	2021
28. Ilisiane Vida	Articuladora Local (RS)	ilisianevida@gmail.com	2022
29. Karla Monteiro Franca	Articuladora Local (MG)	karlamonteiropsi@gmail.com	2022
30. Maria Gorete da Gama e Silva	Articuladora Local (RJ)	projetosinergiarj@gmail.com	2021
31. Em definição	Articuladora Local (SP)		
32. Jana Said Melo	Apoio Psicossocial (CE)	janamelodf@gmail.com	2020
33. Solange Dacach	Assistente Pedagógica	solangedacach@gmail.com	2022

Composição atual das instâncias da Rede

- **Organizações membro / Coordenação Nacional**

Organização	Atuação	Representante
Amigos da Terra Brasil	Defesa do meio ambiente.	Fernando Campos Costa
Associação de Favelas de São José dos Campos	Movimento de luta por moradia.	Cosme Vitor e Angela Silva
Cáritas Brasileira	Defesa dos direitos humanos e do desenvolvimento sustentável e solidário.	Igor Ferrer
Central de Movimentos Populares (CMP)	Luta por moradia e direitos.	Marcelo Edmundo
Central Sindical e Popular (CSP-Conlutas)	Reúne setores de trabalhadores/as.	Atnágoras Lopes
Centro Cultural de Brasília (CCB) / OMA	Busca o diálogo entre religiões e culturas.	Sem representação formal
Centro Dandara de Promotoras Legais Populares - São José dos Campos	Promoção e defesa de direitos humanos, com foco nas questões de gênero.	Marcela de Andrade
Centro de Estudos Bíblicos (CEBI)	Defesa dos direitos humanos, na perspectiva cristã, e na educação popular.	Maria de Fátima Castelan
Centro de Pesquisa e Assessoria (Esplar)	Foco em agroecologia, agricultura familiar e direitos das mulheres.	Magnólia Said
Conselho Indigenista Missionário (CIMI)	Defesa de direitos, na perspectiva cristã, com foco nos povos indígenas.	Sem representação formal
Comissão Episcopal Pastoral da Ação Social Transformadora (CNBB)/6ª Semana Social Brasileira	Serviços pastorais que atuam na defesa dos direitos humanos e do desenvolvimento sustentável e solidário. Articulação das forças populares e intelectuais para o debate de questões sociopolíticas do país.	Frei Olávio Dotto e Alessandra Miranda
Comissão Pastoral da Terra (CPT)	Defesa dos direitos humanos, com ênfase nas/nos trabalhadoras/es do campo.	Sem representação formal
Cooperativa de Pescadores Artesanais do bairro da Prainha de Iguape (COOPERPESCA)	Direitos de pescadores/as artesanais.	Guillermo Denaro

Organização	Atuação	Representante
Fórum Mudanças Climáticas e Justiça Socioambiental (FMCJS)	Espaço de debate e proposição de alternativas com foco em mudanças climáticas e justiça social.	Ivo Poletto
Frente por uma nova política energética para o Brasil	Foco no campo da justiça socioambiental e do modelo energético.	Joilson José Costa
Grito dos/as Excluídos/as	Defesa da vida e luta por garantia de direitos.	Karina da Silva Pereira e Ari Alberti
Instituto Políticas Alternativas para o Cone Sul (Pacs)	Foco em processos de informação, educação, incidência e inovação da práxis do desenvolvimento e da democracia.	Aline Lima e Sandra Quintela
Movimento de Conselhos Populares (MCP) - Ceará	Mobilização cidadã ativa, na luta e defesa de direitos.	Igor Moreira Pinto
Pastoral Operária Nacional (PO)	Defesa de direitos da classe trabalhadora.	Monica Helena Fidelis e Marcos Moura.
Rede Feminista de Saúde e Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos - Minas Gerais	Empoderamento de mulheres sobre saúde e outros direitos.	Maria Dirlene Trindade Marques
Serviço Pastoral do Migrante (SPM)	Defesa das/dos migrantes.	Maria Ozânia Silva e Roberto Saraiva
Serviço Franciscano de Solidariedade (Sefras)	Defesa de Direitos e solidariedade, com base no tripé: acolher, cuidar e defender.	Talita de Oliveira Guimarães
União Social dos Imigrantes Haitianos (USIH)	Organiza imigrantes haitianos/as no Brasil.	Sem representação formal
Universidade Federal de Rondônia (Unir)	Educação, Pesquisa e Extensão.	Luís Novoa
Universidade Estadual do Ceará (UCE)	Educação, Pesquisa e Extensão.	André Lima
Articulação/Comitê local do Jubileu Sul Bahia	Articulação territorial	Celio Maranhão
Articulação/Comitê local do Jubileu Sul Porto Alegre	Articulação territorial	Cláudia Favaro
Articulação/Comitê local do Jubileu Sul no Distrito Federal	Articulação territorial	Francisco Carneiro (Chico)
Coletivo de Educação Popular Margarida Maria Alves	Educação popular e emancipação humana. Assessoria e Formação Política.	Tobias Faria

- **Grupo Gestor Executivo**

Organização	Representante
Pastoral Operária Nacional	Monica Helena Fidelis
Grito dos/as Excluídos/as	Karina da Silva Pereira
Cáritas Brasileira	Igor Ferrer
Instituto Pacs	Aline Lima
Articulação/Comitê local do Jubileu Sul Porto Alegre	Cláudia Favaro

- **Diretoria**

Organização	Representante	Cargo/Função
Grito dos/as Excluídos/as	Karina da Silva Pereira	Diretora Presidenta
Cáritas Brasileira	Igor Ferrer	Diretor Secretário
Pastoral Operária	Monica Helena Fidelis	Diretora Tesoureira
Rede Feminista de Saúde e Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos - Minas Gerais	Maria Dirlene Trindade Marques	Conselho Fiscal
Frente por uma nova política energética para o Brasil	Joilson José Costa	Conselho Fiscal
Articulação/Comitê local do Jubileu Sul Porto Alegre	Cláudia Favaro	Conselho Fiscal
Serviço Franciscano de Solidariedade (Sefras)	Talita de Oliveira Guimarães	Suplente
Centro Dandara de Promotoras Leais Populares	Marcela Andrade	Suplente
Amigos da Terra	Fernando Costa	Suplente
Instituto Rede Jubileu Sul Brasil	Rosilene Wansetto	Secretaria Executiva e Coordenação Administrativa

- **Secretaria Executiva**

Cargo/Função	Nome
Secretária Executiva e Coordenação Administrativa	Rosilene Wansetto
Assistente Administradora	Andreia do Nascimento Pereira
Assistente financeira	Lucimeire Araújo de Souza Paludette
Assistente de projetos	Raíssa Lazarini
Assistente de projetos	Leticia Graça Generoso Pereira
Coordenadora de Comunicação	Jucelene Rocha
Assistente de Comunicação	Flaviana Serafim Vieira
Estagiário de Comunicação	Marcos Vinicius Santos
Designer Gráfico e Mídias Sociais	José Bruno Araújo Lima
Assessoria em Comunicação Digital	Natasha Holanda Cruz
Articulador Regional Cone Sul JS/A	Francisco Vladimir
Articuladora Nacional JSB	Sandra Quintela

- **GT Dívida**

Nome	Vínculo
André Lima Sousa	Organização membro
Magnólia Azevedo Said	Organização membro
Maria Dirlene Trindade Marques	Organização membro
Luís Novoa	Organização membro
Talita de Oliveira Guimarães	Organização membro
Francisco Carneiro (Chico)	Organização membro
Sandra Quintela	Secretaria Executiva
Jucelene Rocha	Coordenação de Comunicação
Raissa Lazarini	Assistente de Projetos
Helder Gomes	UFES – Colaborador Externo
Fábio Luis Barbosa	Ufesp – Colaborador Externo
Neiva Araujo	UNIR - Colaborador Externo

- **GT Comunicação** (composição será definida no próximo semestre)

Nome	Vínculo
Jucelene Rocha	Secretaria Executiva
Flaviana Serafim	Secretaria Executiva

- **Coletiva de Mulheres da Rede JSB**

Nome	Vínculo
Alessandra Miranda de Souza	Organização membro
Aline Lima	Organização membro
Andreia do Nascimento Pereira	Secretaria Executiva
Angela Silva	Organização membro
Cícera Silva	Organização parceira INegra
Claudia Favaro	Organização membro
Elane Reis Pankararu	Militante
Francisca Antônia Ferreira	Equipe técnica territorial
Gilvanda Torres	Militante
Iara Santana	Militante
Ilisiane Vida	Equipe técnica territorial
Jobana Moya	Organização parceira
Jucelene Rocha	Secretaria Executiva
Karina da Silva Pereira	Organização membro
Karla Monteiro Franca	Equipe técnica territorial
Letícia Graça Generoso Pereira	Secretaria Executiva
Lucimeire Araújo de Souza Paludette	Secretaria Executiva
Magnólia Azevedo Said	Organização membro
Marcela de Andrade	Organização membro
Marcela Vieira Gonçalves	Organização membro
Maria Beatriz de Oliveira	Organização membro
Maria Cristina dos Anjos	Organização membro
Maria de Fátima Castelan	Organização membro
Maria Dirlene Trindade Marques	Organização membro

Maria Ozânia Silva	Organização membro
Maria Reis Pankararu	Militante
Mariana Barbosa Barreiros Rubinello	Colaboradora externa
Marli de Fátima Aguiar	Militante
Mercês Alves	Militante
Mônica Helena Fidelis	Organização membro
Maria Raimunda da Silva Oliveira	Equipe técnica territorial
Raíssa Lazarini	Secretaria Executiva
Regilvania Mateus	Organização membro
Rosilene Wansetto	Secretaria Executiva
Sandra Quintela	Secretaria Executiva
Simone Miranda	Articulação territorial
Solange Dacach	Assessoria Pedagógica
Talita de Oliveira Guimarães	Organização membro
Yasmin Bitencourt	Organização membro

Documentos institucionais

Os arquivos poderão ser acessados a partir dos seguintes links:

- Regimento Interno Instituto Rede Jubileu Sul Brasil (Manual de procedimentos) https://jubileusul.org.br/pdfs/reg-JSB.pdf
- Estatuto de Fundação (2006) https://jubileusul.org.br/pdfs/estatuto-2006.pdf
- Estatuto Atualizado (2018) https://jubileusul.org.br/pdfs/estatuto-atualizado-2018.pdf
- Ata de Diretoria (2022-2024) https://jubileusul.org.br/wp-content/uploads/2022/06/Ata-diretoria-2022-2024.pdf
- Código de Ética e conduta https://jubileusul.org.br/pdfs/etica-24-08-2019.pdf